

## ULTIMA HORA

SÃO PAULO, 22 DE MAIO DE 1961

# Charutinho Deu «Show» na Contramão

ADONIRAN Barbosa, o famoso Charutinho de "Histórias das Malocas" e o conhecido sambista paulista, na madrugada de hoje, ao regressar de um espetáculo do qual participara, entrou na contramão com o seu veículo e foi parar na Central de Polícia. Lá, o autor de "Sandosa Maloca" deu um "show" de humorismo e simpatia perante os funcionários policiais, que por pouco não demoraram a sua "prisão", a fim de continuarem se divertindo com suas piadas. Na foto ao lado, Adoniran conta, ao reporter, do seu medo de voltar à sua "maloca", onde a "Dondoca" o esperava pronta para castigá-lo pelo atraso. Ao encerrarmos esta edição, chegou-nos a notícia de que Adoniran, dirigindo o seu veículo, às 7,49 horas de hoje, abalrou outro veículo na Av. Santo Amaro. (LEIA NA 10ª PAGINA)



## Charutinho dá "Show" em Duas Sessões na Central de Polícia!

Al "História das Malocas", programa radifonico de Adoniran Barbosa (João Rubinate), foi encenado, esta madrugada, na Central de Polícia, onde o popular artista e sua equipe, Selma Martins, Henrique Bertelli, Fulgêncio Santiago, acompanhados pelo conjunto Duo Brasil Moreno, proporcionaram verdadeiro "show" ao tentar justificar ao delegado de plantão sua presença, por ele não desejada, naquela dependência policial.

Tudo começou quando, ontem à noite, "Charutinho", personagem por ele interpretado no referido programa, alugou um taxi para transportá-lo e o grupo ao circo Jussara, em Vila Carião, onde participariam do espetáculo. O motorista do auto de aluguel, Alexandre Acunha Branco, não gostou da algazarra que os passageiros faziam, cada qual lhe fornecendo endereço diferente ao mesmo tempo, confundindo o profissional do volante, e qual resolveu levar a "troupe" à polícia. A presença dos artistas na Zona Centro deu uma nota diferente ao ambiente, quebrando a monotonia daquele órgão policial, cujos funcionários regalaram-se com alguns momentos de entretenimento proporcionado por Adoniran, o qual teve o papel de "Charutinho", com agrado geral. O delegado, após ouvir as partes, dispensou-as, retirando-se o grupo depois de ter pago ao motorista o preço da corrida.

### SEGUNDA SESSÃO

Horas depois desse ocorrido "Charutinho" voltou ao velho casarão do Patio do Colegio. Desta feita por ter violado a lei do trânsito. E' que Adoniran dirigiu seu auto, na contramão, por varias ruas do centro da cidade. Numa dessas vias o carro foi interceptado por uma RP que o conduziu a ZC. Vendo-se, mais uma vez, perante o delegado, "Charutinho" escusou-se alegando que não vira o sinal de trânsito.

### "SHOW"

Em uma das dependências do...

Plantão da Polícia Central, o artista improvisou um espetáculo aos funcionários e guardas-civis que ali se encontravam trabalhando. Adiantou que fora detido por aquela guarnição ao atravessar, na contramão, um trecho da Praça da Sé. Nesse local — asceverou — duas senhoras lhe disseram: "Moço, você está querendo nos atropelar. Daí, seu reporter, entrei bem. Agora, nem a Gerência pode me soltar daqui". Essas frases foram motivos de riso por parte de todos os funcionários que se divertiam com as piadas de "Charutinho".

### "VOU APANHAR"

Adoniran, tendo em uma das mãos uma caixa de fósforos, iniciou o batuque de um samba no qual dizia que "vou chegar tarde na minha maloca e apanhar da Dondoca". Nesta questão de frisar que a "Dondoca" era a sua esposa, que aguardava seu regresso. Após o rápido "show", "Charutinho" se dirigiu ao plantão da DST, pois que o seu veículo, por determinação da autoridade foi guinchado à outra repartição.

### ESPETACULO EXTRA

Ao encerrarmos esta edição, sabemos que "Charutinho", quando transitava, ao volante de seu carro, pela Avenida Santo Amaro, colidiu com o auto de chapa 4-04-21, dirigido por Oduvaldo de Lima. Ninguém foi ferido e, no plantão da Zona Sul, onde as partes foram levadas, Adoniran se comprometeu a parar os prejuízos causados ao veículo de Oduval-

# O FENOMENO DO TREM DAS ONZE

stanislaw  
pontre preta

**E**U SOU muito amigulho do Adoniram Barbosa e sou o unico que defende o seu samba como valido, como lidimo representante do samba paulista. Além de bom comediante e excelente ator dramatico (era o responsavel pela cena mais forte do filme "Cangaço"), o Adoniram inventou um tipo de samba legalzinho e de uma quadratura que só valoriza os temas escolhidos por ele para versar.

Mas eu não posso ficar calado é diante de tanta bronca por causa do sucesso do seu samba "Trem das 11", no carnaval carioca. Para mim a coisa não foi nem fenomeno, pois fenomeno é uma coisa que acontece raramente e, isto de musicas que não estavam programadas para o carnaval fazer sucesso durante os festejos carnavalescos é coisa velha. Os exemplos são muitos. Mesmo no ano passado, o samba "Água na Boca" não fôra nem gravado e transformou-se num estouro. Explicar isso é facil: a indulgencia da musica dita carnavalesca é tal que o povo a despreza (apesar de toda a publicidade dirigida) e quando aparece coisa melhor — o que é facilissimo — a plebe ignora e agarra nela.

Esta é a verdade e o resto — como diria o grande pensador arabe Ibrahim Saed — é piquinho. Vi na televisão o José Messias dizer que "Trem das 11" foi elhito pelo povo porque o povo tem necessidade de um lamento. Para José Messias a besteira sié não é das maiores, embora seja besteira grossa. Mas deixa isso pra lá.

O que eu queria contar a vocês é o trecho da conversa entre dois crioulos, que eu ouvi alhures. Um dos crioulos disse pro outro que o samba "Trem das 11" era paulista e, como o outro não acreditasse, lascou a prova definitiva:

— Mora na leira, velhinho que tu vê que o samba é paulista. Donde que carioca ia fazer um samba com uma letra dessas, em que o cara larga a mulher pra ir tomar conta de casa?

## Adoniran Barbosa

PSIU... ADONIRAN. ESCUTA. É Verdade que você estava com medo de se apresentar no programa da Elis Regina? Medo bobo, velho. Viu o negócio como foi? Tinha gente no poço da orquestra. Tinha gente estendida na passarela, enroscada nas escadas, no chão, sentada, acocorada. Vi até gente de joelhos aplaudindo você, Adoniran. Num aperto danado que custou 5 mil cruzeiros por cabeça. Na entrada um estrangeiro ofereceu 20 contos por meu convite. Mesmo sabendo que lugar só no tapete e, daquele jeito. Pensa um pouco, Adoniran. Naquelas mil e tantas pessoas gritando seu nome. Rindo das "Mariposas", do "Trem das Onze". Mede o significado. Mede a sua simplicidade e vê que é igual ao entusiasmo daquele público. Vê que não precisava ter medo. Depois você estava no buteco da Consolação tomando café (era café mesmo?) em roda de amigos, cantando samba novo, cantando estorja velha. Igual se nada tivesse acontecido. Conta pra gente como pôde chegar à sua vivência artística com a autenticidade de ainda ter medo da plateia. Conta que é pra um outro sujeito saber também. Um sujeito de 20 anos que faz poesia como se tivesse 50, tal e qual você de 50 faz poesia como se tivesse 20. Um sujeito chamado Chico Buarque de Holanda. Ele cantou no mesmo dia em que você cantou, Adoniran. E vai precisar de muita força para enfrentar sucesso tão grande. Conta pra ele como criou coragem de se apresentar e — mais importante — como cultivou seu jeito de ser verdadeiro nesses anos todos. Conta que o Chico deve estar assustado. Ele também, foi aplaudido de joelhos naquela noite.



# ADONIRAN:



★ ADONIRAN: "Faço samba como o povo fala".

**ie-ie-iê Não  
Põe o Samba  
A Escanteio**

Texto de CARLOS ACUIO

— O "IE-IE-IE" bem que pode jogar o samba a "escanteio", Adoniran. Bem que pode. O samba é bem capaz de sumir com tanto cabeludo mandando brasa por aí. Mora!

— Mas que some nada! O lema do samba é devagar e sempre. O cottadinho está sempre pressionado. Mas não some, não. Tirar ele da circulação é duro, é o mesmo que tirar a lua do lugar. Some nada. Não sei explicar por que, mas que não some, não some.

— E esse Roberto Carlos, Adoniran?

— Parece bonzinho.

### Encontro

Nesse dia, dois grandes compositores de São Paulo tinham se encontrado. Paulo Vanzolini e o Adoniran Barbosa, o homem que fez "Saúda-se Maluca", "Trem das 11" etc. Foram, juntos com o Chico Buarque de Holanda, a revelação de compositor do ano, fazer um programa de música popular na televisão.

O médico e zoólogo, Paulo Vanzolini, que além de estudar bichos, faz samba e poesia, tendo a cidade grande como tema, canta seus amores e seus dramas. O autor de "Ronda", "Dá a Volta por Cima", mais conhecido pelo pessoal que aprecia o samba puro, disse: "Nem vamos falar em ie-ie-iê. Isso é mais uma moda. Agora, quanto ao samba, não tenha dúvida, é coisa eterna, faz parte do sangue do povo".

E frisou: "E samba, meu caro, é mesmo da classe média. Veja Noel, Ataulfo e os outros. O samba nasce, sem dúvida, da classe média, através de elementos bastante ligados ao povo. Eu, por exemplo, aprendi samba com um motorista do meu avô. Não é essa classe que tem rádio, TV, sabe ler melhor? O povo dá as raízes. Ela compõe por cima."

### São Paulo

Vanzolini acha que o samba do Rio é melhor. Muito mais puro. Já Adoniran diz que aqui se faz coisa tão boa como lá. "E" só ver minhas músicas. Foram as de mais sucesso no carnaval carioca. Ganhei, com uma delas, prêmio de

Cr\$ 2.000.000 ("Trem das Onze") do governo de lá".

Três rapazes tiveram a ideia de unir, numa só noite, num só programa, o Chico Buarque de Holanda, o Adoniran e o Vanzolini. São eles, o jornalista Alberto Helena Junior, que escreve os textos, Luis Vergueiro, que organiza tudo e o Solano Ribeiro, que produz. "O "sambão" é um eterno assunto", disse o Helena Junior. Foi aí que o Adoniran entrou:

— Não topo muito essa mania da turma da bossa nova chamar o "sambão" de "sambão". Não é não. O nome é "sambom".

Aí Helena replicou: "Mas eu não sou bossa nova, não sou de vocês".

### Ninguém Sabe

Tanto Solano, como Luis e o Helena não da opinião que, no dia em que se levar ao público de São Paulo o que há de melhor na música popular, a coisa para. "E" que não levam", disse o Solano. Para eles, há um mito de achar que o bom gosto é repellido pelo povo. "O povo gosta de tudo que é bom. E" só dar para ele, que ele topa".

Vanzolini informou que tem um sambista em Pinheiros, chamado Vitor Dagó, que é uma brasa. "Acho ele melhor coisa que existe em São Paulo, agora. Tão bom quanto Adoniran". E Van continuou suas explicações sobre o samba: "Veja o Vinicius. Você já ouviu o povo cantando suas músicas? Não, não é? E não tenho dúvida, o povo nunca vai cantá-las. Música popular tem que nascer de dentro, espontanea, ser uma coisa do povo, senão o povo não canta. O Vinicius elabora demais".

Aí entrou o Adoniran: "Claro, que é isso. As minhas letras, tenho impressão que pegaram porque nelas está o sentimento do povo. Escrevo errado como o povo fala. Prefiro dizer "nós deve" do que "nós devíamos". E" mais autêntico. O meu samba é uma mistura de italiano com preto. Tenho 100 amigos, dos quais 80 são pretos. Eu ouço, presto atenção. Depois faço as letras. Escrever errado é a coisa mais difícil que existe".

Quanto à bossa nova, ambos concordaram: "Se a coisa for boa, qualquer bossa serve. Mas tem que ser boa".



★ VANZOLINI e Adoniran batem papo sobre samba. Ambos sabem que o samba jamais será superado.

TV

Walter Negrão

## NO MEIO DO FOGO UM HOMEM SORRIA

**N**O MEIO dos escombros da TV Record, uma figura sorria. Adoniram Barbosa. Muita gente chorava. As anunciadoras, principalmente. E Pimentinha, sentado no picadeiro do cirquinho que não queimou. Blota Jr. acostumado a entrevistar, dava entrevistas, explicando como foi e como será daqui por diante. Adoniram sorria.

DOIS Filhos do patrão, o Alfredinho e o Paulinho, como são chamados pelos funcionários, tinham a roupa molhada, o sapato encharcado a cabeça suja de fuligem e cal. O primeiro pedia aos empregados, na hora do rescaldo: "Vão pegando os aparelhos que encontrarem e subam com tudo para o salão onde era o bar. Vamos dar um balanço rápido e ver com que podemos botar a estação no ar". Todo mundo obedecia. Charutinho, lá fora, continuava sorrindo.

HOUVE até quem desmalasse. Um bombeiro. E quem fizesse piada: "Agora vamos lançar a campanha Ajude a Reconstruir a Record, com pedágios por toda a cidade". Um homem se preocupava com o televisor da cunhada que deixara na noite anterior, para um técnico amigo consertar. Wilma Chandler escondia os olhos atrás dos óculos escuros. Hebe Camargo tomava o carro para o Teatro Record, de onde iria transmitir ao vivo seu programa de rádio. Mas Adoniram lá fora, firme. Foi dos primeiros a chegar. E sorria.

"MAIS triste é perdermos o arquivo de vídeo-tape — dizia Randal Juliano — todos os musicais, todos os gols de Pelé, os jogos das Copas passadas, reportagens, tudo...". Randal foi quem abriu a transmissão no dia fatídico. Atrás dele, no palco do Teatro, os carpinteiros construíam o cenário para o "Corte Royal Show", pois a programação não parou, apesar dos pesares. Uma pausa e Randal dava uma leve ideia do prejuízo: "Havia 400 fitas de vídeo-tape no arquivo. Cada uma custa em média, um milhão de cruzeiros. A partir daí você imagine o resto".

DE TODO lado veio gente. Tarcisio Meira e Carlos Zara estavam lá, logo cedo. Para saber em que poderiam ajudar. Faltou água e na hora que ela veio, algumas mangueiras arrebentaram com a pressão. Quem deu o alarma ao Corpo de Bombeiros foi o próprio dr. Paulo Machado de Carvalho, sempre primeiro a chegar à televisão. O fogo começou às 7 horas da manhã. As 8 e 10 estava tudo destruído. As 11 e meia entrava no ar o Canal 7. Adoniram ainda sorria.



ADONIRAN Barbosa é otimista a ponto de fazer um samba sobre incêndio agora.



## ÚNICO COM AQUINIU e o samba paulista

Lapinha:

Esta canção de Baden Powell e Paulo Pinheiro tem uma estrutura bastante popular e além de contar uma história bem a moda brasileira tem um refrão que empolga logo de saída.

Do ponto de vista musical faz parte da linha integrada do Baden na busca de raízes. Nossa avaliação pessoal não tendo sido por notas, colocou Lapinha entre as quatro que devíamos indicar. Ingridiões:

A Bienal além do espírito competitivo tem um sabor de vitrina e foi bonito ver o velho Ismael entrar na briga. Ingridiões é um samba à maneira antiga falando coisas de amor, súplica, fechada mais cabível a uma vitrola noturna do que a uma competição pública.

Linha melódica plangente e adequada ao espírito da letra. Não incluímos em nossa lista este samba de Ismael Silva.

A Sandália da Melista:

Donga e Walfrido Silva dois gigantes do samba fizeram uma canção onde o maior problema está na temática. Sandália, mulata e asfalto são velhas formidulas já desgastadas e Chico Buarque botou uma tonelada de cimento por cima da história com Quem te Viu Quem te Vê.

Tão Braço Forte:

Marcos e Paulo Sérgio Valle foram traídos pelo hábito de fazer samba intimista pois agora duas ou três composições da dupla que são para fora o restante é música de comunicação restrita, mais sentida na solidão de dois que na companhia vibrante de uma platéia popular.

Cobocando esta canção em confronto com outras, optamos pela sua não escolha.

Fel Ela

O samba de Zé Ketti foi mal apresentado e um tanto prejudicado pelo arranjo e a colocação de um coral erudito que não teve jeito de entrar na do Zé Ketti e endossar a coisa. O próprio autor não estava muito à vontade para dar o recado, mas o samba com letra e música boas, passou por cima dos sentidos e se mostrou bastante forte para aguentar a briga com os demais competidores. Colocamos o samba de Zé Ketti na nossa lista.

Mulher, Patrão e Cachaca:

Adoniram Barbosa foi catar uma história do seu sôso Oswaldo Moles para participar da Bienal. O samba tem tudo o que a gente podia esperar em uma competição desse tipo: representou o samba paulista de temática urbana onde o amor e os demônios lúbricos da vida são sempre mesclados de uma vitrola da vida cotidiana do homem comum das ruas. Como estrutura musical, é sem dúvida o melhor im-

dicionais chega a esbarrar na perfeição. Este samba nós incluímos na lista de escolha.

Escola de samba

O samba de Luis Antonio veio com Miltinho e Helena de Lima com letra excelente e música adequada. Carregado de conteúdo, se mostrou à altura da competição. Se pudessemos ter colocado cinco músicas esta seria nossa quinta canção escolhida. Preferimos ficar com as que escolhemos mas não sem pesar bem esta canção no confronto.

Feliciteza de Araxá

De Noel Rosa de Oliveira, Aneskar do Salgueiro e Ivam Salvador. Um samba enredo não se presta a competições desta natureza. A nós, parece que faltava uma avenida para o samba de Noel conseguir seus termos precisos de comunicação. Não incluímos este samba na nossa lista.

Bom tempo

Chico Buarque trouxe para esta Bienal um samba que teve como maior força a nosso ver, a adequação ao espírito deste modo novo de fazer Festival. Sua música, apesar de não ser genial, mostrou um samba velho-novo com raízes e propostas. O Maxixe incluído foi sem dúvida o responsável pelo sucesso junto à platéia sempre ávida de novidades. Colocamos esta canção em nossa lista.

Marina

Stival Silva veio com força para a Bienal trazendo consigo uma experiência antedecida de sambas felizes por toda uma vida de artista. Noite Ilustrada com sua simplicidade de menino das madrugadas, enfrentou as feras e deu o recado da melhor forma. Música muito bonita e letra bem feita enfim um samba de meio de ano no mais completo sentido do termo. Não colocamos em nossa lista por termos preferido no mesmo caso o samba do Zé Ketti que ao nosso ver tinha mais qualidades.

Pra frente

Pedro Caetano e Claudenor Cruz pagaram o preço da letragem e ao incluírem na letra do samba as palavras de Elys Regina caíram no vazio pelo limitismo da proposta. Pra frente é um samba que não representa de forma alguma estes dois notáveis competidores da autêntica música brasileira. Foi uma derapada. Não incluímos na lista por razões óbvias.

Colinas da vida minha negra

Deixei especialmente para último lugar este samba de Paulinho da Viola que foi apresentado com muita infelicidade por Jair Rodrigues. Não tem outro modo da gente falar a coisa, Jair jogou fora um bom samba e não deu nem chance para julgamentos ou aplausos. Coisas da vida, seu Paulo da Viola. Fica

## Epílogo com Patrão Cachaca e Mulher

Respresentadas as quatro vencedoras: Lapinha, Bom Tempo, Fel Ela e Marina, o público deixou a platéia do Paramount para se estabelecer em vigília no saguão, na espera de Adoniram Barbosa e dos Demônios da Garoa. A intenção era levar aquela apresentação além, muito mais além e fazer com que os Demônios reapresentassem aquela que foi a grande injustiça da primeira apresentação da Bienal: Patrão, Cachaca e Mulher. Chegaram os Demônios e Adoniram e teve início o show final, que longe dos olhos eletrônicos das câmaras de TV, humanizou a coisa do samba, fazendo até chorar a boa gente paulista que lá se encontrava. Pela audição improvisada dos Demônios da Garoa, que cantaram várias vezes sua canção, passaram de saída os elementos do júri. Alguns deles foram lá ouvir e dar o apoio e outros se mandaram meio mal do figado. Um espectador, ao ver um grupo de elementos do júri saindo meio escondidos, gritou:

— Que carocenda, hein, mano!

No final todos foram embora e no começo da madrugada, um grupo alegre de estudantes, com a letra na mão, cantavam Patrão Cachaca e Mulher descendo pelo rio paulista a Brigadeiro Luís Antonio:

MULHER, PATRÃO E CACHACA

samba de: Adoniram Barbosa e Oswaldo Moles

Num barracão da Favela do Verquero

Onde se guarda instrumento

Ai nós morava em frest

Eu viário da Silveira seu criolo

Ela é coica de Sousa

E o cavalo do Oliveira Pentado

Quando o cavaco centrava

Ela coica soltava

Eu entrava de baxaria

E a ximengada sambava

Sébia seculava

Dia e noite, noite e dia

No barracão quando a gente babocava

Está coica malhada

Cherava como ela só

Pois ela gostava demais do my "rij"

E bem baixinho gemia

Gemia assim como quem tem algum doido

Tudo aquilo era pra mim

Gemia e me olhava assim

Como quem diz ai my boy

E eu como bato visível

Carregava no bordo

Caprichava u sei mais

II

Mais um dia patrão que horrô

Fel e rabô que amocô

Com fêco musical

Dama coica de Sousa

Com o cavaco de Oliveira Pentado se casô

Me deu uma coice na cabeça

E eu la pegô o cavaco

O patrão me roubô

Não sei lá, não sei lá

Mulher, patrão e baxaria

Em querer coisa se avia.



## Adonirã, isto é com você

João, você sabe que eu votei em Patrão, Mulher e Cachaça. Não votei em você, porque os 30 anos de samba que correm em suas veias dispensam minha aprovação. Votei em Patrão, Mulher e Cachaça como não votei em Ingratidão ou Pra Frente, pois Ismael e Pedro Caetano são grandes, maiores que estes sambas.

Mas vai para duas noites que não paro de pensar no que aconteceu na Bienal de Samba, esta santa idéia de Solano Ribeiro. Lembra, João, que pouco antes de tudo começar encontrei você no bar, ao lado do teatro?

— Se não pagar um conhaque, está desclassificado.

Eu tomei o conhaque, mas você não se classificou. A brincadeira foi longe demais, João. Eu ainda quis saber do samba, mas você ajeitou o chapéu (estava nervoso, João, eu sei) e não quis cantar, que não era justo. Não queria nem mesmo assistir à Bienal.

— Sabe, sabe, sabe. Eu posso num aguentar, num aguentar as emoções.

É gozado João. Até falando você tem cadência. Você já nem sabe mais quando é João Rubinato ou quando é Adonirã Barbosa. Está tudo misturado aí debaixo desse chapéu galato, que balança na sua cabeça conforme o lado em que o sereno bate. Esse sereno paulista que há 30 anos batuca inspiração na sua cachola, desde as ruas feias do Bexiga aos porões enfumaçados da Casa Verde, onde o samba comia solto, até o morro do Charutinho, onde o rei é você João.

Lembra, João, você ainda me explicou não ser do saudoso Osvaldo Moles a letra de Patrão, Mulher e Cachaça:

— É só inspiração dele, sabe, sabe, sabe. Inspirações que eu tirei dum livro dele. Mas ficou sendo dele. São as minhas homenagens porque ele foi um grande amigo. Já foi embora, num tem importância.

Num tem importância, João. Isso é muito de você. E esse num tem importância que precisa se insinuar sob esse cha-

pé, ao lado do talento e da boassa, para você compreender melhor o que aconteceu na noite da Bienal. Não foi maldade nossa. (E aí eu entro no bolo, pois não interessa quem votou ou não no seu samba, a responsabilidade é de todos). Foi apenas irresponsabilidade. Melhor, inconsequência. Porque João você e eu sabemos que não se pode cuspir em cima do público impunemente, ainda mais num acontecimento onde a palavrinha popular toma uma dimensão irreal maior, como é o caso da Bienal de Samba.

E não me venham dizer, João, que o que está acontecendo não passa de paulistada, coisa disse um dos jurados ao fim, quando o público exigiu você e seu samba no saguão do teatro.

Também não foi cariocada do jur, João. Não cariocada no sentido de regionalismo, que isso é mais gagá que andar de liteira na rua Augusta. Se você quiser, João, posso dizer que foi cariocada em outro sentido: falta de serenidade, empolgação. E isto, João, foi empolgação. Eu vi gente gritando que Marina é genial. Não é, João, você é eu sabemos que não é. Um bom samba, é certo. Mas nunca genial. Num tem importância, João, pois cariocada, você e eu sabemos, foi quando você entrou no palco da TV Excelsior do Rio, no programa da Ellis e do Jair, e o público carioca o recebeu de pé, cantando em coro Trem, das Onze.

E como custou para você sair de cena, João. João, só eu e você sabemos que você, naquela noite, não saiu mais de cena. João, é que assopraram as cinzas e a brasa voltou a queimar. Num tem importância, João.

PS — A explicação de voto que saiu ontem em nosso jornal era apenas uma série de notações feitas por mim durante o desenrolar da Bienal. As notas que eu dei foram somente para controle pessoal, não valendo como votação, pois o regulamento diz que não há notas, os jurados apenas escolhem quatro das doze músicas apresentadas, sem ordem numérica.

ALBERTO HELENA JR.

## Recado para o Adonirã

Mato Grosso quis gritar  
Mas em cima eu falei  
Os homens tá com razão  
Nós arruma outro lugar  
Só se conformemo  
Quando Joca falou  
Deus dá o frio  
Conforme o cobertor...

Adonirã, você atravessou contra-mão! Entrou na rua do samba que por tradição tem donos velhos, acostumados a botar cadeira na calçada e papear de cima pra baixo com a gente, como se fosse um pecado original ser paulista e fazer samba.

Quando a Aracy cantou Fetiço da Vila o povaréu gastou a mão de bater palmas e só tinha uns poucos que sabiam que aquela música era de Noel Rosa em parceria com um paulista, o Vadico. Um cara do jur me falou na hora: — Precisava acabar com essa lamuria de falar que o Vadico é o grande esquecido. De todas as músicas que a Aracy cantou só tem uma que é parceria dele.

Eu me aguentei e retruquei mansinho:

— E' Fetiço da Vila, né mano?

Na hora que contaram os votos eu lembrei daquele oráculo infeliz do Vinicius que disse para quem quisesse ouvir:

— São Paulo é o tumulto do samba...

A gente vê o movimento de música aqui e não concorda. A gente vê avião descendo cheio de gente do samba pra vender o peixe e não concorda. Que é isso, meus chapas! Que é isso!

Hoje em dia nenhum cara que tem a cabeça no lugar tem mais estas estórias balrísticas de que está cheio o anedotário do samba. Só mesmo gente velha, arraigada a preconceitos empoeirados, pode ter uma visão encanada a respeito destas coisas simples do samba. Nós somos pobres demais pra brigar entre nós, melhor é dar as mãos e ir vender samba lá fora, que daí aumenta o pão e todo mundo fica com razão.

Tem cara Adonirã, que ainda não

morou bem no seu jeito de fazer samba e talvez pense lá no fundo da cachola:

— Isso é samba de italiano, mais com jeito de tarântela do que outra coisa.

Pega eles Adonirã, leva lá na Casa Verde pra ouvir roda de choro; se chorarem fica tudo limpo na maneira brasileira. Leva lá na Barra Funda e mostra o Geraldão cantando aquele samba daquele jornalista. Se algum balançar na ginga, este está ganho.

E tem mais uma: um cara ficou doente e não pode vir. Talvez se ele tivesse vindo, tinha botado palito nos olhos dos caras pra eles verem a trilha. O Stanislaw fez uma falta danada, isso fez... Se fez.

Nós não pedimos nada pra ninguém, nenhuma colher de chá, mas tava na cara que o samba era bom e a platéia endossou. Num tem importância, nós arruma outro lugar. Vai sair o disco e vamos ver o que acontece. No momento em que escrevo este recado chega alguém e dá mais um berro aqui no pé do meu ouvido:

— Oi Chico, Bagunçaram com o samba do Adonirã...

E logo vem outro e para na porta pra mandar o grito:

— Que é que deu lá heim? Tava tudo louco?

Adonirã, meu chapa, a culpa é muito nossa também. A gente fica na moita e ninguém sabe dos nossos negócios de samba. Pra você ver que seus sambas chegaram no Rio com o Trem das Onze, de trem em trem a gente chega lá. Um dia, quando o nosso Carnaval estiver à altura, vão acreditar mais na gente e aí aquela revista não vai mais publicar marotamente, em meio a mil páginas de folia, uma foto de um palanque melancólico, com o prefeito olhando nada e uns caras quase chorando de vazio. E tem mais uma, que o "Seu" Pandeiro esqueceu de contar no samba.

— Samba Adonirã, é que nem barraco de pobre. Vem o vento e bagunça, mas a gente pega o que sobrou e ergue logo outro no lugar. Se é!

CHICO DE ASSIS

OC

ULTIMA HORA

15 de MAIO de 1968



Adonirã Barbosa conta na pagina sobre a Bienal do Samba (11) o que achou do resultado, como fez Patrão, Cachaça e Mulher e como a Saudosa Maloca nasceu

Ultima Hora 15-5-68





Cristina Duarte passou a manhã batendo papo com Adonirã Barbosa. Saiu este dialogo. Para ele era

# OU PRIMEIRO OU NADA

Deixa aqui sua razão  
suas queixas e sua reclamação  
encosta aqui no meu peito  
e conta pro meu coração  
suas magoas e sua aflição  
Me dê sua tristeza que eu  
te dou minha alegria  
o meu prazer é ver você feliz  
Não faça caso, pode bem chegar  
o dia de você fazer por mim  
o que já lhe fiz (bis)

(Bis)

Como vai?

— Tres bien et vous. Senta, o que você quer?  
Conversar. Saber o que está sentindo.

— Então senta, vá. Pensa que eu estou me enco-  
mendo? Perdeu, perdeu. Está tudo ótimo. Não estou re-  
voltado não, pode dizer isso aí.

Adonirã, como fez a letra?

— A letra e a musica são de minha autoria. A letra  
é tirada de Osvaldo Moles, de uma historia das malocas.  
A historia era um sonho, o violão ia falar com o patrão.  
Daí eu tirei essa letra. Foi difícil. Pensa que é facil de  
um livro fazer uma letra? Depois eu fiz a musica e a  
composição ficou minha e de Osvaldo Moles.

Foi a ultima musica de Moles?

— Que está comigo é. Mas deve ter mais na casa dele  
ou na casa do Hervé. Oi (cumprimenta quem passa e  
vem dar solidariedade). Era a ultima que estava comigo,  
agora tá na voz do povo.

Como fez a musica?

— A musica é difícil, viu. Eu costume fazer samba  
sozinho, sabe. Mas já costume fazer junto letra e musica.  
Neste, primeiro montei a letra. Demorei uns quinze dias.  
Lendo a historia e pondo lettrinha. Lendo a historia e  
pondo lettrinha. Prá mim é difícil. Depois eu botei a mu-  
sica. A musica tambem tá boa, num tá? Então. Prá mim  
não é difícil botá musica. Na rua, enquanto estou andan-  
do, vou fazendo letra e musica. A Saudosa Maloca eu fiz  
do Ibaduto do Chá até a Record na Quintino Bocaiuva.  
Esta eu tive que montar, que fazer (mostra com gesto um  
violão e dedilha o ar). Ficou bonito

Agora, nós perdemo. Tá tudo ótimo, num faz mal.  
Tá todo mundo cantando a sua musica. Você prefe-  
re isso ou a consagração pelo jurí?

— Bem, de inicio um dinhelrinho seria bom, mas pri-  
meiro premio, terceiro e quarto não interessa. Ou pri-  
meiro ou nada. O que vié eu taio, como diz o caipira. Lá  
fora foi uma beleza, aquele povo cantando a minha mu-  
sica, gente boa ali reclamando contra o jurí. Tinha até  
advogado lá.

O que você acha do jurí? Você acha que todos esta-  
vam de acordo?

— Eu não sei de nada. Quem eu conheço do jurí é  
o Helena e o Raul. Só. Assim, de conhecer e de conversar.

O jurí entende de samba?

— Entende. São todos formidáveis.

(Ao dizer isso não contém o riso e o tom parece ge-  
neração)

E segreda: "Precisa muito cuidado.

E as outras musicas?

— Ah! Eu não ouvi nenhuma, só o meu.

Como você surgiu na Hienal?

— Foi duro. Samba de encomenda é difícil. Eles di-  
zem: "Precisa fazer um samba. Um samba. Precisa fazê,  
viu?" E' difícil. A sorte minha foi lembrar essa historia  
do Moles.

(Nesse momento entra mais um companheiro para  
abraçar Adonirã, e mostra um jornal).

— Puxa! Que beleza heim? Chegando na Ultima  
Hora aí? Isso aí, Chico de Assis e Alberto Helena. E' a  
dupla boa. Botaram até a maloca lá. Só dá eu.

(Refletiu um pouco e continuou).

— Mas é muito pra mim. Até parece que eu sou Bach.  
(Perguntou o meu nome. Respondi).

— Prazer em conhecê-la. Muito otis. Muito otis. Qué  
ouvi a marcha-rancho em homenagem ao bairro de Vila  
Esperança? E' minha e do Marco Cesar.  
(Cantou).

Vila Esperança foi lá que eu passei  
o meu primeiro casamento!

(CONTINUA NO VERSO)



Vila Esperança foi lá que eu conheci  
Maria Rosa meu primeiro amor  
Como fui feliz naquele fevereiro  
Pois tudo para mim era primeiro  
Primeira rosa, primeira esperança  
Primeiro carnaval, primor amor, criança.  
O carnaval passou levou a minha rosa  
levou minha esperança, levou o amor criança  
levou minha Maria, levou minha alegria  
levou a fantasia, só deixou uma lembrança.

(Figarrella e desculpa-se da interpretação).

— Você sabe, cantá sentado não dá. O diafragma fecha.

Adonirá, voltando à Bienal. O Moles sabia da sua letra?

— Não sabia, coitado. Não sabia nada. Agora sabe. E deve estar contente.

Como foi a apresentação?

— Eu não estava nervoso. Você sabe: sou meio frio e já tinha tomado umas e outras. Antes de entrar eu disse pros caras: Vamos entrar prá ganhá. Eu sou o Lula de vocês. E eles cantaram como o Ume do Santos.

Você é do Santos?

— Eu não, sou corintiano. Mas o que é bom a gente não nega.

Você não cantou junto.

— Não. Só entrei no fim pra erguer a platéia.

Você estava emocionado?

— Não. Estava anestesiado. Entrei louco. Foi uma loucura. Mas o pier foi no fim. Quando a moçada. A moçada: não tinha velho não, veio fazê roda. Você precisava ver. Subi na poltrona do teatro, pulava e cantava. Uma moça falou: olha, ele está chorando. E estava mesmo. Ali eu me emocionei. Todo mundo gritava: injustiça! Fiquei louco. O pessoal dizia que eu devia entrar outra vez no palco. E falavam: nós garantimos. Nós garantimos. Se eu entrasse lá, eu ia dar um baile neles.

Foi bom eu não entrar. O júri então ia ficar com cara de pau. Não estou despetado. Eu sei perder. Não ganhei o primeiro prêmio. Ganhei o prêmio lá fora. Cheguei em casa contente. Já era madrugada, um frio louco. Cheguei bem barbosiano.

O que você quer dizer com isso?

— Cheguei alto e não quis saber de conversar com ninguém.

Tem uma truma aí que vai descobrir quem não votou em mim. Eu perdi só por um voto. Mas naquele dia eu bebi tanto. Porca miséria! Sozinho. Eu e os amigos boêmicos da praça do Correio. Gostoso, batucando samba nos botequins. Gostoso.

O que você acha da Tropicalista? Do movimento tropicalista?

— O que é isto? O que vo dire sobre tropicalista. Muito melhor fazer samba do que pensar o que é tropicalista.

(Chega mais um amigo. Pede pra cantar mais uma. Ele canta.)

Não. Não quero entrar.

Eu sei que mesmo que eu quisesse

Você não ia deixar.

O desgosto que lhe causei foi grande demais

Você não vai me perdoar.

Pode ficar com tudo que eu lhe dei

Pede ficar até com o meu colchão.

Eu voltei somente pra buscar

Meu cachorrinho, meu cobertor e meu violão.

Vamos tomar café. Conta uma coisa que não devia contar. Um avião vai anunciar que «Mulher, Patrão e Cachaça» está na praça. Vão soltar papéisinhos. Pede então para que a cantasse. Preparou a garganta e disse: Senão perde a, supressões. Cantou.

— Chega né. Quando eu vi você atravessar a rua não pensei que fosse reporter. Se soubesse fugia.



O povo canta as musicas que gente do povo faz. Mas o povo é por natureza anonimo, ninguem o conhece e todo o mundo fala dele como se fosse alguem. E é. Tem força que não acaba mais. Força e tudo o que é bom e belo para dizer cantando. A gente ouve. A gente canta. A gente gosta. Mas a gente não conhece bem donde vem a musica e tudo o que nela fala à nossa sensibilidade. Por isso, hoje, aconselhamos que você

## CONHEÇA MELHOR ESSA GENTE QUE FAZ SAMBA

texto CHICO DE ASSIS  
fotos GALENO PUPO



(CONTINUAÇÃO DAS FOTOS  
NO VERSO, E DA REPORTA-  
GEM NAS FOLHAS SEGUINTE).







## NO TEMPO DO RADIO, FUTEBOLE E CACHAÇA

Com a presença da população da pequena cidade do interior paulista lotando a única arquibancada e os barrancos em torno do campo, o jogo ia animado. O serviço de alto-falantes fazia chegar a todos a narrativa da peleja e o locutor emocionado gritava para o mundo:

— A pelota na meia cancha com Lula, que adianta para Gabriel... Corre Gabriel descendo pela esquerda, passa para Mirabelli que estica para Lula. Lula pára, olha e entrega na bandeira para Blota Junior, que atira para o goooooool. Sensacional tiro de Blota Junior, que assim inaugura o marcador, Radio Record 1; Atletico de Porto Ferreira 0.

O Blota era o artilheiro, Lula era o mano mais novo, o Gonzaga Blota. Gabriel era o Migliori, que jogava de olhos e tudo. Mirabelli é o mesmo que hoje trabalha como assistente de estúdio na programação da TV Record. Jogavam também o Zé Fidelis, os componentes dos Demonios da Garoa, Manesinho Araujo, Borges de Barros e o Adonirã Barbosa. Naquele tempo não havia televisão e como o povo do interior vibrasse por conhecer os artistas do radio, eles iam em caravana.

Tinha o futebol, tinha o almoço, tinha o "show" e depois pra quem fosse da barra pesada tinha a boemia. Os artistas entravam no futebol para que o povo pudesse vê-los e por isso tinha o time quente e o time frio. Adonirã e os Demonios eram do time frio, só entravam um pouquinho para satisfazer a curiosidade do povo, depois iam para a bancada tocar uma bandinha pra fazer torcida. Assim nasceu a amizade humana e musical entre os Demonios da Garoa e Adonirã Barbosa.



## O CONTO DO CANTO, BANDINHA E CACHAÇA

Adonirã nunca está no presente e nem volta ao passado faz uma misturada e a gente nunca sabe se o que ele está contando foi ontem, hoje, há dez anos atrás ou ainda não aconteceu. Ele conta assim:

— Que maloca nem nada, naquele tempo nem se pensava nisso. Eu tocava flautim na bandinha e os Demonios acompanhavam. Era uma farrã. Uma vez, em Garças, um fazendeiro rico veio me falar pra ver se a Isaura Garcia cantava uma musica pra ele ouvir. Então eu dei uma voltinha e inventei que a Isaura queria que ele pagasse um conto de réis. O fazendeiro deu o dinheiro e eu pedi pra Isaurinha cantar, ela cantou, o sujeito ficou satisfeito e eu embolsei a nota. Tomei tudo em cachaça e fiz uma esbornia. Fui pro trem carregado. Só agora que ela vai ficar sabendo dessa. Um dia a bandinha agradeceu mais que a conta e fomos tocar na programação da Record, no programa do Manesinho Araujo.

Era então o ano de 1947.

## 10 CONTOS DE PIZZA, MALVINA E CACHAÇA

Em 1950, Adonirã, então comediante de sucesso na programação da Radio Record, foi convidado por Lima Barreto para interpretar um dos cabras de Lampião em O Cangaceiro. Lá foi Adonirã filmar, enquanto os Demonios continuavam cantando no radio e nos shows do Interior. Mas a coincidência aconteceu quando Lima Barreto precisou encontrar um tema musical para seu filme. Foram os Demonios, que procurou. Adonirã nas telas e os Demonios na trilha sonora; os amigos voltavam a se encontrar.

Era o mês de março de 1951 na cantina Tito Schipa, quatro ou cinco famílias festejavam ruidosamente alguma coisa. No fim da noite o garçon entrega a nota; dez mil cruzeiros, uma fortuna, na época. Adonirã coça o bolso e bota uma em cima da outra. Era o premio que tinha ganho com Malvina no carnaval daquele ano. Dez contos de pizza! Madona!

Malvina, você não vai me abandonar  
Não pode, sem você como é que eu vou ficar.

## GENTE DO SAMBA, AMOR E CACHAÇA

Joga a chave meu bem  
Aqui fora está ruim demais  
Cheguei tarde perturbei teu sono  
Amanhã eu não perturbo mais.

Era o carnaval de 1952 e os Demonios com Adonirã entraram na briga dos concursos de São Paulo e Rio. Foi um grande sucesso. Mas haveria um momento de separação. Os Demonios se mudaram para a Radio Nacional em 1953 e Adonirã sempre fiel aos Carvalhos «güentou firme» na Radio Record que na época já não era a maior. Adonirã estava mais para o lado do humorismo e fez pouco samba naquele ano. Um deles, era diferente. Muito diferente. Adonirã longe dos Demonios que faziam grande sucesso na Nacional, cismava muito em dar a volta por cima e chamar de volta aqueles companheiros para cantarem um samba seu. Mas tinha que ser diferente, muito diferente. Não tardaria a hora e a vez do encontro esperado. Era pra já!

Saudosa Maloca,  
Maloca querida,  
Din-din-donde  
Nós passamos  
Dias felizes de nossa vida.

A maloca existia de verdade. Era um edificio condenado pela prefeitura, ficava aí na rua Aurora. Adonirã morava perto e conhecia bem de perto uns carregadores de feira, marginais de boa índole que dormiam no prédio condenado. Gente da pinga e do violão, falavam seu dialeto próprio e Adonirã aprendeu para poder conversar. Mato Grosso, Joca, Mário Corintiano... Mário Corintiano, que segundo Adonirã parou de beber de repente e ficou forte e saudável. Teve uma recaída, bebeu uma dúzia de garrafas de cachaça em seguida, e em seguida... morreu. Tinha 22 anos, era jovem como todos os maloqueiros do Hotel Albion, a casa condenada que um dia foi posta abaixo, à revelia dos maloqueiros que já tinham feito daquele abrigo o seu lar.

## COMO A MALOCA NASCEU, SEM VIOLÃO E CACHAÇA

A idéia do samba surgiu na Praça Ramos de Azevedo. Adonirã ia andando no rumo da Quintino Bocaiuva, onde ficava a Record, e, como sempre, fazia samba aproveitando a batida dos passos. Primeiro foi a lembrança de Mário, Mato Grosso e Joca, tudo misturado com o casarão que caiu nas batidas da bola de ferro da turma da demolição. Adonirã ia ouvindo aquela conversa de nége e o samba foi nascendo.

— Aqui onde agora está este edificio alto era uma casa velha, um palacete assobradado, foi aqui, seu môço, que eu, Mato Grosso e o Joca construímos nossa maloca.

Adonirã nem esperou o velho elevador da Record, subiu as escadas de pulo em pulo pra botar no papel o seu samba. Falava consigo mesmo:

— Esse eu gravei e passo os Demonios pra trás, afinal eles foram embora e nem mandaram noticia.

CONTINUA NO VERSO





## A MUSICA, AFINAL, SE TORNOU UMA CACHAÇA

Adonirã gravou cantando a Maloca, com o regional do Armandinho. O disco em 78 rotações saiu... Mas não aconteceu nada. Arnaldo, um dos fundadores dos Demonios da Garoa, aprendeu o samba mas não levou para o conjunto. Os Demonios na época cantavam num estilo diferente, não tinham nada desta boassa de falar errado. Eram certinhos. Arnaldo que era um boêmio de primeira, cantava às vezes pela noite aquele estrambote do Adonirã e todo mundo achava graça e pedia bis. Um dia, Arnaldo estava nos corredores da Rádio Nacional cantarolando a Maloca para uma turminha de artistas. Passou o gordo Costa Lima, então diretor artístico da rádio, ouviu e decretou:

— Esta musica vocês cantam no proximo programa, vai ser o maior sucesso do ano.

O gordo Costa Lima foi um profeta de mão cheia, acertou na mosca. Cantada nos programas da Nacional, a Maloca emplacou imediatamente. Mas ainda não tinha disco.

Os Demonios foram então procurar uma gravadora que quisesse colocar na cêra o sucesso iminente. Foram até a Columbia e o então diretor musical saiu-se com essa:

— Deus me livre, colocar uma letra dessas em selo Columbia!

E o selo Columbia na época era a marca registrada dos boerões mais desenxabidos da vida. Orlando Guzzoni, da Odeon, saiu à procura dos Demonios para gravar a Maloca. Gravada, a Maloca criou asa. Em pouco tempo o Brasil inteiro cantava:

Peguemos tudas nossas coisa  
e fumo pro meio da rua  
Preciã a demulção  
que tristeza que nós sentia  
cada tauba que caia  
Doia no coração

Durou muito o sucesso da Maloca. Na verdade ainda está durando.



## MAS SERÁ QUE A RECORD TAMBEM É UMA CACHAÇA?

Em 54 os Demonios se mandaram para o Uruguai e Adonirã como sempre na Record, onde vivia um grande personagem do radio paulista: Charutinho. Adonirã era na época o que é hoje Renald Golias: um ídolo. Os Demonios voltaram em 55 para apanhar o Roquete Pinto que tinham ganho e na festa se encontraram com Adonirã que também havia sido "Papagalado". Os demonios vão para a Argentina e Adonirã fica na Record. Faziam sucesso as velhas gravações, Iracema, As Mariposas, Samba do Ernesto, Samba do Beziga, Abrigo de Vagabundo e outras que correram na trilha aberta pela boassa da Maloca.

Em 1964 Adonirã recebeu um recado do Butina (Antônio Gomes Neto, componente dos Demonios) que era pro Adonirã ir mostrar o tal de samba que muita gente já havia comentado. Adonirã foi lá e mostrou um samba que terminava assim:

Sou filho unico  
tenho minha mãe pra sustentar.  
Não posso ficar.

Com esta musica ganharam o premio do Carnaval do Centenario do Rio de Janeiro. Adonirã assistiu ao sucesso num leito de hospital porque tivera um grave desastre automobilistico.

## FINALMENTE PATRÃO, MULHER E CACHAÇA

Depois do Trem das Onze, Adonirã não se encontrou mais com os Demonios. Ficou triste porque os Demonios gravaram musica no seu estilo, com outros compositores. Veio a Bienal do Samba. Escolhido pela comissão organizadora como um dos sambistas a disputar, Adonirã se mandou pra fazer um samba novo. O primeiro que fez era assim:

Pode ficar com tudo o que me deu,  
Pode ficar até com meu coichão,  
Eu voltei somente pra buscar  
Meu cachorrinho, meu cobertor e meu violão  
Não quero entrar...

Mas Adonirã não achou que fosse um samba capaz de empolgar um publico de Festival. Pegou nas coisas que tinha do velho e saudoso Oswaldo Moles e tirou de lá, a sua maneira, uma letra. Musicou e ficou assim:

Num barracão da favela do Vergueiro  
Onde se guarda instrumento...



## ACABOU O ASSUNTO, ACABOU A CACHAÇA

Os Demonios iam viajar para o Norte e não podiam ficar para a Bienal. Adonirã mostrou o samba e os Demonios ficaram, mesmo com o perigo de uma multa contratual. Como diz o Adonirã, os Demonios, no dia da apresentação, pareciam a linha do Santos, estavam tinindo. Na coxia, os colegas falavam:

— Vamos ver quem é o segundo, terceiro e quarto, porque o Adonirã já papou o primeiro de colher.

O Juri se reuniu e o resultado caiu como um balde de água gelada sobre o animo fervente de Adonirã e os Demonios. Patrão, Mulher e Cachaça não era nem mesmo uma das quatro escolhidas para participar da finalissima. Toninho Butina e Adonirã não contiveram as lagrimas e choraram que nem criança ou até mais. Na saída do teatro, teve surpresa. O povo não tinha se mandado, estava lá esperando o João Rubinato (Adonirã Barbosa) para fazê-lo cantar sua musica junto com os Demonios. Eles cantaram muitas vezes e o povo gritava.

— Tutti ladri!

— Vocês ganharam!

Um crioulo chega e diz:

— Adonirã, teve fraida... (fraude) Vocês foram esbugalhados (esbulhados).

O disco saiu e em pouco tempo se tornou um grande sucesso. Arnaldo dos Demonios diz assim:

— No ano que vem a gente só entra em disputa se a comissão for do Morro do Piolho: Trabução, Mata Borrão, Panela de Pressão, Cacareco, Charutinho, Teresoca e Geralda. Com essa comissão, a gente vai. Tudo de navalha, facão debaixo do braço e gilete no cabelo. Ai vai lá... Tudo catedro nosso.

Ficamos assim, conhecendo mais Adonirã Barbosa e os Demonios da Garoa. Andamos no tempo sem muita direção, passando por malocas, girias, lembranças, nomes de gente, gentes sem nome e principalmente passamos pelo samba. A historia de João Rubinato segue cantada nos seus sambas onde o homem comum ganha sua verdadeira dimensão, seu justo tamanho. Tamanho de homem.



07/10/1973

PAG. 12 (CONTINUAÇÃO)

• Nesses 45 anos, como é sua história sambista?

ADONIRAN — Ah, então, eu fiz um em... Eu já tinha feito muitas músicas, mas este foi o primeiro sucesso, o Asa Negra, gravado por Helio Sindó, na Continental.

• Onde mais ou menos, mas foi sucesso Carnaval. Deu prá ganhar um dinheiro bom. Af, parei um pouco. Não porque parei. Parei, fazia música, as não gostava. Af, em 50, voltei. Fiz

alvina, gravada pelos "Demônios da Arca". Af me entusiasmei. Foi af que... sei com os "Demônios da Garoa", juntamente com Malvina. Daf fiz Joga a

ave — ("Joga a chave, Meu Bem/ Que qui Fora está ruim demais/ E tarde, perturbei teu sono/ Amanhã eu não perturbo mais") — Veja só o que aconteceu, por eu morar em apartamento. Minha

mulher não me dava a chave, porque tinha uma só e eu chegava e gritava lá da rua, e ela jogava a chave prá eu poder

abrir a porta... Depois eu fiz mais um samba sem compromisso, "Segura o Apito". Em seguida, "Perdoar é Prá Deus" e "Apaga o Fogo, Mané". Em 64

fiz Trem das Onze que foi um sucesso, sempre com os "Demônios da Garoa". Recebeu aclamação popular, não con

gração, aclamação popular. O povo meçou a cantar no Rio. Em novembro o disco saiu em outubro — o Chacrinha

vou o disco prá lá, e promovia muito a mim.

• Foi nessa época que Vinícius disse que São Paulo era o túmulo do samba, ou antes?

ADONIRAN — Ah, foi quando fiz o Ernesto e ele dizia que o Ernesto era erdo. Sabe como é? "Ernesto nos coo

dou/ para um samba/ e ele mora no ás/ nós fumos..." Sabe como é. Ele es

lachou com meu samba na "Cigarra". Lá nessa revista que ele disse que São Paulo não pode nunca fazer samba. Ah,

ouvei depois que pode. Mas o Sérgio rto respondeu por mim prá ele: faz

samba, sim, Adoniran faz samba sim, doniran faz samba paulista. Ele n ao

la em morro, faz samba paulista, da ra dele. Af, Vinícius se conformou, não

sabe? Foi bom o samba, sucesso que ainda agrada e toca toda noite nas boites, e os caras cantam.

• O "Trem das Onze" não foi sucesso internacional?

ADONIRAN — Foi. Estou na Itália, tanto como aqui, acho. Não cheguei a ir á Itália para ver o sucesso de perto, porque não tinha dinheiro. Recebi um cartão de

lá, de uma senhora (acho que era mulher) em que ela dizia: "que papel ao que você fez eu passar, hein, Adoniran?" Estava no cartão: "Imagine que ontem eu

pássava por uma rua aqui, e numa casa de música, tocava seu disco. E eu comprei o seu disco e comecei a chorar. O

papêlo é esse. Você me fez chorar aqui na Itália, onde é que se viu uma coisa dessas?" Isso é sucesso, fez sucesso, o

samba aqui é sucesso!

• Você recebeu os direitos autorais de lá, certinho?

ADONIRAN — Preciso escrever muitas cartas pra Paris, (é a Bien que recebe). O dinheiro de discos vai prá

Paris, então de lá mandaram cinco mil cruzeiros aqui para o Brasil. Cinco mil

cruzeiros para mim e pro editor metade. No exterior o editor ganha 50 por cento

sem fazer nada, mas é contrato. Agora, de execução do "Trem das Onze", não vi

nada da Itália ainda. E lá dizem que foi sucesso de televisão, de baile, de infer

ninhos, de tudo. E até agora não vi nenhuma grana de execução de lá. Já re

clamei, já pedi, mas não adianta isso af. Tem que esperar. Ou talvez nem venha

mais, já fazem quantos anos? Se vier eu gasto, se não vier, eu não gasto...

• E os festivais?

ADONIRAN — Pra Bial do Samba

peguei uma letra do Oswald Moles que estava lá em casa — ele já tinha falecido

fazia tempo — peguei a letra e pus música; é a Mulher, Patrão e Cachaça. Foi um sucesso. Eu não sei o que

aconteceu naquele dia, porque não ganhei. Num sei, rapazi! Num entendi... Foi um

extraordinário sucesso, tudo cantava, as pessoas, o juri, e depois ganha outro.

Aqui entre nós, como é que pode? Não sei se foi o Chico Buarque quem ganhou. Ou

foi o "Lapinha"? E, não podia comparar, o meu era samba mesmo. Inadado, samba

bom, está af gravado, posso mostrar. Mas não deu pé. Então, eu e todo mundo

saímos pro saguão e foi aquela roda de samba infernal, todo mundo cantando o

samba; o povo querendo voltar pra dentro do teatro me levando. Foi perigoso

aquele dia, podiam até quebrar tudo... Não era sopa, não. Mas foi bom, me

diverti muito.

• Que achou dos festivais? Eles foram um bem ou um mal para a música

popular brasileira?

ADONIRAN — Não, foi um pouco bem.

Não foi muito bom, porque não foram bem organizados. Não escolhiam boas

músicas. Mas foi bem, foi muito bom.

• Como é que você vê o Chico Buarque de Holanda?

ADONIRAN — Ele é bom autor. Pena



Na novela da Tupi, Mulheres de Areia, ele é Chico Belo, um pescador que além do mar tem uma segunda paixão muito forte: o samba. Como na vida.



(CONTINUA NO VERSO)





## Na cachaça, os bons amigos

• Ficou rico nestes trinta anos de carreira?

ADONIRAN — Não, não fiquei rico, não deu nem prá começar a ficar rico. Eu fiz circo, de sessenta até 66, e eu ganhei uma notinha. Então eu fiz minha casa. O que vinha do circo minha mulher guardava e então eu fiz uma casinha, aqui, no Jardim Prudencio, depois do Aeroporto. Atrás tinha muita maloca, muito crioulo, era uma barra meio pesada. Agora não, progrediu muito! Não tem mais ninguém. Mas de primeiro tinha, era bom, a gente fazia roda de samba todo domingo de manhã. E cachaça, Deus me livre. Minha mulher não ia lá. Só cachaça. A gente esquecia de comer, a gente esquece de tudo, e vai samba! Nas minhas vez nunca briguei. Na minha vida nunca briguei com ninguém. Comigo já brigaram, quiseram brigar, mas eu nunca topai, mas foi por aqui. Do meu ambiente, lá de crioula, nunca. Sempre eram meus amigos demais, pelo amor de Deus! Gente muito boa até hoje.

• E eles contam muitas histórias?

ADONIRAN — Não, não contam. Não. A gente está junto. Passa-se tudo ali junto com a gente. E se faz samba, samba já gravado, samba de outras autores, batucada em caixa, em lata de querosene, na mesa, na cadeira. Eu gosto de samba assim, gostozinho. Agora não tem mais, acabou tudo. Lá tem muita casa bonita agora, progrediu, sumiram.

• E quando você quer encontrá-los, como é que faz?

ADONIRAN — Agora é difícil encontrar.

• Você não vai mais à Baixa Funda, esses lugares?

ADONIRAN — Não tenho ido mais não, sabe? Já estou numa idade mais ou menos. Eu nasci em 1910, estou fazendo sessenta e três anos. Já não vou mais, não... Ninguém de noite quase não saía. Só quando tem programa. Mas prá fazer essas farrinhas que eu fazia, não saía mais. Música ainda faço: fiz dois sambos, como já disse logo no começo.

• Realizou todos seus sonhos na carreira artística?

ADONIRAN — Ainda não. Eu acho que tenho mais coisa, se eu aguentar até lá. Ainda quero fazer televisão, programa meu, não da

auditório, de estúdio. Tenho essas histórias da Moles, dos malocos, tenho mais de cem histórias guardadas. Com, não as melhores. As melhores eu queimei. Me desiludi, ninguém me falava nada: "ah, então eu vou queimar". E queimei uma porção delas, as melhores eu queimei, e me arrependo. Eu tenho cem aí, ainda dá. Pegar um cara bom na televisão, pôr no horário de nove às dez da noite. Rapaz, eu mostraria que sucesso eu ia fazer! Eu digo as histórias bem adaptadas e um elenco bom, e eu pertinho do adaptador, dando as dicas todas...

• Fora tua casa não tem nenhum outro propriedade?

ADONIRAN — Só tenho essa casinha. Um dia comprei um carro, dei uma trombada, vendi na Bera. Fiz muito bem. Quebrei minha perninha, aí eu vendi pra um cara que passava: "Vá, dá trezentos contos, mas chama a ambulância primeiro". Vendi o carro, machucado, chamaram a ambulância e eu fui pro hospital. Chamaram minha mulher em casa e ela foi lá, já era madrugada isso.

• Como é que era tua vida nos tempos do apartamento na boca?

ADONIRAN — De noite era bom, ali no centro, tinha três amigos meus. Não marginais no meu sentido, no bom sentido. Marginais, quer dizer sem emprego, sem nada mesmo. Eu, eles três e o meu cachorrinho, o Telego: Mato Grosso, Joca e Corintiano. Meu samba, o Saudosa Maloca, eu fiz naquela boca. Então, tá o nome deles: "Eu, Mato Grosso e o Joca, construímos nossa maloca" — quer dizer, "o samba nasceu ali, naquela ruazinha da Aurora com a Nebias. Boca braba antigamente? agora tá bom, tá cinema, tem muita casa. Agora tá bom, mas antigamente era fogo.

• Eles te respeitaram de cara ou você teve de se impor?

ADONIRAN — Não tem nada. Ficamos amigos. A cachaça ajuda — e eu bebia muita pinga antigamente — e ficamos amigos. Eram amigos mesmo, de esperar na porta. Mas eram bons sujeitos. Minha mulher chamava eles: Mário, vai buscar tal coisa... Ele subia depressa o escada, pagava o dinheiro, ia buscar o que ela pedia. Depressa, sabe? Eram caras cem por cento, eles. O Mário, o Mato Grosso. Eles morreram já... Um dia levei o Mário prá Santos, pro Guarujá comigo. Dei um terninho, vesti ele bem, deixei ele bacana e fui pro Guarujá com ele. Você tinha que ver a alegria desse rapaz! Mas, meu Deus do céu, que beleza. De automóvel, no Guarujá, nas Tartarugas. Sentar na mesa, almoçar comigo, com todos os amigos do peito. Que coisa de louco! Ficou feliz pra burro! E lá as coadilhas com limão. Sabe o que é coadilha? Pinga com limão. O Mário ficou tão contente! A gente ia todo domingo pra Santos, todo domingo de manhã. Sem mulherada, só a gente, nós cinco, comer, beber e nadar, mais as coadilhas, e cantar samba no automóvel, só isso, mais nada. Era uma beleza!





"Charutinho" —  
quatorze anos de sucesso.



"Os verdadeiros boêmios  
já não existem mais."



Adoniran Barbosa —  
um homem solitário.

(REPORTAGEM NO  
VERSO) →



# SAMBA DO METRÔ

"Meus sambas não nascem com horas marcadas, não são conseqüências de inspirações. Eles nascem por si, por mim, pelas coisas. Contam de uma São Paulo grande, falam das gentes simples, humanas, das malocas, dos malandros, de gente boa." Adoniram Barbosa, o Charutinho das Histórias das Malocas, é o retrato vivo de seus sambas, identidade perfeita entre seu jeito "diferente" de ser e as histórias que suas músicas contam.

Charutinho é calado, impaciente. Justifica-se a cada instante, briga contra o frio, contra uma porta que insiste em ficar aberta, contra o whisky que não chega, contra um rock irritante que até hoje não conseguiu definir. Os seus 65 anos de vida, vividos com intensidade total minuto após minuto, enriquecidos com as mais diversas experiências, passaram por uma triagem imposta pelas dificuldades enfrentadas. "Não gosto dos tempos passados. Foi tudo tão difícil, sofri tanto que é bom esquecer..."

Pintor, encanador, metalúrgico, poeta, boêmio, sambista, ator, comediante, cantor, amigo inseparável do chapéu de malandro e da gravata borboleta, Adoniram comenta que nada mudou em sua vida. "Tudo continua como antes. Apenas a cidade mudou. Antigamente a boemia era mais honesta, mais pura e gostosa: os amigos apareciam e a gente saía pelas ruas, bares, boates ou

restaurantes e conversávamos muito. Os boêmios de antigamente eram boêmios na concepção exata da palavra. Antigamente uma serenata valia muito. Lembro dos meus amigos destes tempos, gente como Alberto Ruchel — na época em que fiz o filme Cangaceiro —, de Mário Sena, do Gordurinha, Vassourinha... Hoje não se faz mais boemia: a palavra foi deturpada e substituída por brigas e bebidas a noite."

De Valinhos à São Paulo de ontem e à cidade grande de hoje, Adoniram cresceu muito. Suas músicas falam de uma cidade antiga, bairrista e quase ingênua, retratando sua visão desse passado distante, que sobrevive hoje somente na periferia. Contam das pessoas e das coisas mais puras, marcante nas gentes simples de hoje.

Adoniram admite a solidão existente em toda sua vida. Agora ele é vovô — dos mais corujas —, mas não se esquece de que sempre andou só: "Creio que para chegar onde estou hoje, minha principal arma contra os boicotes foi a persistência. Quando resolvi entrar para o Rádio, todos os elevadores estavam lotados para mim, mas insisti tanto, que em 1934 eu cantava em programas de estúdio da Rádio Record. Continuei a lutar, e destas brigas todas nasceram minhas atividades em programas de auditório e em rádio-teatro. Continuei como ator comediante e passei a compor minhas próprias músicas."

Malocas, favelas, patrão, mulher e cachaça, subúrbios e o cotidiano do paulista de ontem e de hoje estão presentes no universo de Adoniram Barbosa, o "Charutinho" dos tempos de Rádio. Hoje, depois da Saudosa Maloca, onde "cada tumba que caía doía no coração", depois do Trem das Onze, do Samba do Arnesto, depois de muitas lutas, sua sensibilidade frente aos problemas das gentes da cidade grande ainda existem. Agora, seus sambas são fruto da sociedade moderna. Não agridem, mas falam do metrô, do coletivo, de vida e das simples margari-das.

Em 1954, Adoniram Barbosa criou o famoso "Charutinho" no programa História das Malocas, na Rádio Record, um personagem essencialmente popular, favelado, mas muito bom sujeito: "Foram 14 anos de sucesso total". Agora, além das músicas, "Charutinho" é tio Joaquim na telenovela Ovelha Negra, da Tupi. Tio Quim, Chico Belo e todos os personagens que já viveu, são identidades próprias de seu jeito de ser, da sua insistência em enfatizar os tipos populares, simples, as gentes do povo. Trata-se de uma atitude marcante ainda nos seus sambas, quando ele faz crônicas a respeito do povo e seu dia-a-dia, com uma linguagem característica e real das gentes dos morros cariocas e das favelas.

Um exemplo típico do seu jeito simples e "diferente" de ser está no samba "Simples Margarida ou Samba do Metrô", gravado no seu segundo disco — Adoniram gravou apenas dois até hoje — embora já tenha composto mais de 50 músicas. "Simples Margarida" é a história de um homem e uma mulher, ambos muito pobres que pretendem uma conquista mútua, feita de sonhos utópicos: "Eu disse que trabalhava de engenheiro e que o metrô de São Paulo estava em minhas mãos... Tudo ia indo muito bem até que um dia ela passou de ônibus pela 23 de Maio e da janela do coletivo me viu plantando grama no barranco da avenida..."

"Não pretendo agredir ninguém com meus sambas", diz Adoniram. "Eles não falam de grandes paixões, mas mostram os problemas e o cotidiano das pessoas da cidade grande, das muitas lutas e poucas vitórias". Trem das Onze, Saudosa Maloca, Joga a Chave, Mulher, Patrão e Cachaça e Vide-verso Meu Endereço são também exemplos da sua despreocupação com as "grandes coisas". E nas coisas simples, no dia-a-dia do povo, que surgem os grandes problemas.

Adoniram Barbosa é homem dos fatos, dos momentos: "Sei que sou uma pessoa diferente — até os títulos das minhas músicas são diferentes — e sei também que ninguém me conhece. E que não tive nenhuma instrução. O que sei hoje, aprendi na vida. Meu jardim de infância foi a rua".

Agora, Adoniram retomou suas músicas gravadas por outras pessoas e as reuniu no novo LP que a Odeon lançará no final do mês: "Samba do Arnesto", "Tocar na Banda", "Samba Italiano", "No Morro da Casa Verde", estarão no disco, apresentadas por uma voz bastante grave e rouca, marcante em "Charutinho". Enquanto o disco não vem, a batucada no chapéu de palha, a gravata borboleta e essa mesma voz estarão na Igreja, brigando contra o rock, o frio, e o whisky, neste domingo, às 17 horas.

Marlene Benicchio



Ultima Hora São Paulo, 03 de FEVEREIRO de 1978  
PAGS. 06 x 07

U A primeira composição de Adoniram Barbosa foi para o carnaval de 1935, mas ele acha "Dona Boa" uma droga. Também não vê necessidade de falar correto: "Não adianta botar mil mobrais que não muda nada"

# Malandraagem é fome

(REPORTAGEM NO  
VERSO) →



"Uma porcaria, uma porcaria de marcha". Assim é que Adoniran Barbosa classifica a sua primeira composição, uma parceria com J. Emerê para o carnaval de 1935 e que ganhou o primeiro lugar no concurso oficial da Prefeitura. Chamava-se Dona Boa ("Dona Boa, Dona Boa, vem pro cordão e não fique aí à toa...").

## Música boa nasce em qualquer lugar

— Eu não gosto de dar entrevistas, não. Eu faço com boa vontade. Ela foi apenas um tema ou você acho importante, mas não sei, não gosto e, não sei por que... não gosto muito de falar. Mas, vamos lá...

Dois anos antes, ele havia conquistado o primeiro lugar num programa de calouros da rádio Cruzeiro do Sul, interpretando Filosofia, de Noel Rosa. Já em 1943, Barbosinha, um personagem interpretado por Adoniran, sofria ataque de fás e, segundo suas próprias palavras, sala sempre com a gravata rasgada ou arrancada. Seguiram-se encontros e desencontros. Em 1945, na rádio Record, viria a conhecer os membros do conjunto Demônios da Garoa, com quem cultivava uma amizade permanente e de quem comenta com carinho "Ah, se não fossem esses meninos, meu Deus do céu, que seria de mim?" Sua primeira música gravada por eles foi Malvina, em 1950.

O estouro veio mesmo com Trem das Onze. O samba, feito em agosto de 1965 para o meio-de-ano e não para o carnaval, ganhou a cidade de São Paulo e percorreu todo o Rio de Janeiro. Adoniran conta com orgulho ter recebido o primeiro lugar no carnaval carioca, prêmio enviado pelo então governador Carlos Lacerda. "O Charinha tinha um programa na rádio Tamoyo e ele tocou muito a minha música. Eu não conheço nada do Rio, só o Aeroporto, a casa da minha irmã e a rádio Nacional". Ele acrescenta: "Do Rio gosto só um "puquinho", põe aí entre aspas, mesmo o carnaval, gosto um pouco". A sua paixão pelo carnaval paulista está expressa no samba "Vila Esperança", onde, para ele, os dias de carnaval são riquíssimos.

Adoniran aproxima-se com um ar de preocupado, pergunta pelas horas e aponta: "É você o repórter?" Andamos até o outro lado da calçada, na direção do antigo prédio da Odeon. Ele caminha devagar, apolando-se algumas vezes no ombro do repórter. Está de camisa amarela de mangas e terno cinza (as calças largas e o paletó de fora sustentado sempre por dois dedos da mão direita), o insubstituível chapéu cinza e uns óculos grossos e pesados. Sentamos num banco, no lado de fora do prédio, ao ar-livre e à vista dos pedestres. Ele está cansado e tem as veias das mãos bastante saltadas.

## "Sou preguiçoso, por isso não toco violão"



Prefere não falar de política. "Não é meu negócio, eu não quero falar disso".

Adoniram, o que significa, no fundo, Saudosa Maloca para você Ela foi apenas um tema ou você realmente conhece uma maloca?

— Boa pergunta. Olha, eu não tenho nem formação de instrução secundária. Maloca se liga com o meu fraseado. De acordo com a minha instrução, entende? E ligado com o povo, eu falo do modo do povo e, se o povo gostou da minha música, é porque eu tô certo. Esse negócio de falar errado não é muito fácil. Precisa saber canador, eu batucava nos canos e falar errado é o certo. E a mesma coisa cantava, sempre assim... de improviso. Música boa nasce em qualquer lugar, não precisa estar direitinho, perfeito, sai artificial, num botequim. Depende do teu estado de espírito, da musa, de um mundo fala errado e não adianta momento seu. Eu sou um cara trisbotar mil móbais que não muda te, sabe, eu faço plada, faço graça, nada... mas falar errado também mas é tudo por fora. Eu não sei por que é coisa difícil.

— E na música?

— Se aparece uma palavra errada na música, mas ela fica Inconfundível de falar, uma voz boa pro ouvido, eu deixo. Na hora rouca e, muitas vezes, gaguejante, de compôr, o que veio, vai! Meus mãos cruzadas entre as duas pernas e o olhar preso em algum ponto distante. No entanto, como ele mesmo diz, "a gente tem que aguentar a marimba da vida, esse progresso violento de São Paulo" mas, o que fazer, "eu não me chamo Raimundo, vou mudar o mundo?"

Mesmo um compasso a mais, estando bem no ouvido, deixa ficar...

Neste instante, passam na frente do prédio três cavaleiros da PM e o velho Adoniram sorri, dizendo: "Olha lá, olha as esterqueiras!", referindo-se, obviamente, aos cavalos.

Está calor e isto provoca uma pequena indisposição. Resolvemos ir até o bar da frente. Adoniram pede água com limão e obriga o repórter a tomar a mesma coisa. "Isso é bom prá saúde".

Ele não compõe muito para carnaval. Nunca fez samba-enredo porque acho muito difícil, dá muito trabalho. Você tem que estudar um tema, estruturar tudo direitinho, não dá. Eu sou preguiçoso. Olha, eu não toco violão por causa disso mesmo: preguiça de pegar no instrumento e me afinar com ele.

Agora, música de carnaval mesmo, no duro, eu já fiz algumas (Malvina, Joga a Chave, Senta Senta e outras), mas não gosto, porque também dá muito trabalho. E antes dava mais ainda.

Você tinha que levar a música na gravadora, cuidar dela, fazer tudo pessoalmente. Hoje a maquininha faz tudo, é mais fácil. Isso não quer dizer que as músicas sejam melhores. Mas é sempre um trabalhão para divulgar.

Nesse instante da entrevista, passa pela calçada uma senhora de 43 anos, carregada de sacolas. Ela se aproximou e perguntou encabulada: "O senhor é o Adoniran Barbosa? Ah, faço questão de cumprimentar". O velho (afinal, com toda sua jovialidade, ele já tem 67 anos) andou até ela, respeitoso, tirando o chapéu, à velha moda, e escutou-a dizer que os

ULTIMA HORA  
São Paulo, 03/02/78  
PAGS 6 e 7  
CONTINUAÇÃO

(CONTINUA NA  
FOLHA A  
SEGUIR)



# ULTIMA HORA

São Paulo, 03 de FEVEREIRO de 1978

PAGS 06 & 07 (CONTINUAÇÃO)

filhos também o adoram, que o personagem Bexiga de Chico Anísio, é tão parecido com ele! Adoniran sorriu agradecido, despediu-se e voltamos ao banco. Ele parece gostar disso. "O povo me conhece, vê?"

O sotaque italiano, adquirido na convivência com os familiares e os amigos, cai perfeitamente na figura simples de Adoniran. Ele não gosta de falar mal de ninguém, nem mesmo dar opiniões críticas que possam vir a ser construtivas.

Sobre os intérpretes de suas músicas, diz: "Gosto de todos. Não, não tem um nome... gosto de eu cantando as minhas músicas, mas gosto dos outros também".

Mas será que Milton Nascimento cantaria bem uma música sua? "Não, ele eu acho que não. E outra coisa". Confessa que não consegue "entender bem" as músicas de Caetano Veloso e Gilberto Gil, não deixando de ser irônico ao dizer: "Acho que é porque eu sou burro...". "Olha, põe aí: Caetano, Gil, Gal, Maria Bethânia, Elis Regina... adoro eles e tenho paixão por eles. E eles gostam de mim



também, gostam das minhas músicas. Não, não convém falar mal de ninguém. Prá mim não convém".

## Filhos e pais, um assunto proibido

Sobre o samba paulista: "Não teve nada prá ninguém. Neste carnaval, eu e a minha mulher, a gente queria ir prá Valinhos, minha terra, mas eu não tenho automóvel. A gente resolveu ir de táxi, mas desse jeito não dava prá levar

a lotrinha, que é uma cachorrinha que tem em casa e não pode ficar sozinha. Nós ficamos por aqui mesmo".

Adoniran é tele-ator e radio-ator aposentado. Foi convidado para participar de um programa de Augusto César Vanucci para a Rede Globo, que se chamará Brasil-Pandeiro. "Prá mim, um programa só já é muito". Além disso, com sua volta para a Continental, a convite de Wilson Miranda, ele gravará novo disco, com músicas novas e velhos sucessos (Luz da Light, Despejo da Favela, Um Samba no Bexiga, Rua dos Gusmões e outras).

Ele não quis responder nada quando foi perguntado se tem ou teve filhos. Apenas entristeceu.

Assim como entristece quando lhe perguntam sobre os falecidos pais, e pede para não se tocar no assunto.

Talvez este homem, que já foi varredor de fábrica, balconista, metalúrgico, pintor, serralheiro, encanador, ator de rádio e televisão, tenha alguma razão para ser, como ele mesmo diz, "preguiçoso".

Adoniran, existe alguma coisa que você gostaria de dizer, em relação a qualquer assunto?

Franze a testa, levanta o nariz grande e os olhos arregalados.

— Uhm.uhm... não, não tem nada não. Olha, vou te dizer que eu estou meio cansado, acho que se você der uma mexidinha nisso tudo dá prá sair alguma coisa. A gente fica sem fumar é fogo, mas é bom. Eu estou há uns quatro dias sem botar o cigarro na boca. A saúde? Vai mais ou menos. Vê se você reza um pouco prá eu não voltar a fumar!

Eis uma frase de Adoniran, que justifica o fato de que ele nunca tenha parado num emprego: "É a malandragem. Mas, olha, malandragem é fome".

Nós nos despedimos e ele volta para o outro lado da rua para falar com os membros do conjunto Talismã, que o acompanha nas apresentações. Adoniran Barbosa, acenando de longe, lembra um velho monumento paulistano, ainda a ser erguido com seu nome.

Adoniran: "Se precisar de mim, estamos aí".

Texto: Bernardo Aizenberg



## Pogrésio

Pogrésio

Eu sempre escutei falar

Que o pogrésio vem do trabalho  
Então amanhã cedo eu vou trabalhar  
Quanto tempo nós perdeu na boemia  
Sambando noite e dia  
Cortando uma rama sem parar  
Agora, escutando o conselho da mulher  
Amanhã vou trabalhar se Deus quiser  
mas Deus não quer.



ULTIMA HORA

## CINEMA

o novo "show" do lord

Sem publicidade ou comentários prévios, estreou a nova "revuette" de Osvaldo Moles, intitulada "Colegio das boas... meninas".

A nova apresentação da "boite" Lord conta, em seu elenco, pela primeira vez, dois artistas já conhecidos do público de rádio, cinema e televisão: Edair Badaró e o corretíssimo Adoniran Barbosa.

Os dois primeiros quadros do espetáculo são frios em demasia, completamente em desacordo com a fértil imaginação de Osvaldo Moles que, desta feita, está muito mais à vontade que em "Dois calpiras em Paris". Quase comprometendo o resto da bem imaginada ideia, já no terceiro quadro, quem assiste à "Colegio das boas... meninas", esquece o princípio ruim, e Adoniran Barbosa com Edair Badaró agigantam-se, levando até o final o engraçado "script" de Osvaldo Moles a agradar em cheio.

Na passagem em que Badaró canta "La mujer de Antonio" pode-se ver o comediante personalíssimo que os espetáculos noturnos acabam de ganhar. Com bastante presença de espírito, Edair, sem imitar ninguém, divide, com o mais experimentado Adoniran Barbosa, as honras de grau dez do "show".

A iluminação — coisa rara nas "boites" de São Paulo — contribui para a grandeza e o melhor desenrolar de "Colegio das boas... meninas", que conta com o bailarino Gilbert Briant e a lourinha que faz a estatua grega, como os valores positivos do "supporting cast".

Os atletas Dant e Mory, seguros e corretos, merecem também uma menção elogiosa.

O melhor quadro, sob todos os pontos de vista, é do da entrega "dos diplomas" quando vestuário, iluminação, "script", interpretação, marcação, etc. assinalam a vitória dos irmãos Pereira que se houveram muito bem na direção de "Colegio das boas... meninas".

Uma das poucas restrições a serem feitas, além da frieza dos dois primeiros quadros, é o cantor português que estraga a apoteose final com o abuso de gestos femininos a que imagina ter direito.

Em se considerando os pessimos "shows" anteriormente apresentados por Don Ciccillo, "Colegio das boas... meninas" é um espetáculo bom, chega a nos parecer ótimo.

FLAVIO PORTO



## FOLHA DA TARDE

São Paulo, sexta-feira, 4-01-1985 — Pág. 19

• **ADONIRAN** — Mostra que inaugura o Museu Adoniran Barbosa (rua 15 de Novembro, 347), com manuscritos das letras de músicas, exemplares de discos gravados, e objetos pessoais do artista. De segunda a sexta-feira, das 10 às 17 horas.



## FOLHA DA TARDE

Pág. 2 — GERAL — São Paulo, segunda-feira, 7-1-1985

---

### Com cachaça

• O secretário Jorge da Cunha Lima, da Cultura do Estado, quer implantar em São Paulo um projeto semelhante ao chamado "Seis e Meia" do Rio de Janeiro, onde se apresentam, no cair da tarde e a preços populares, nos teatros cariocas, conhecidas figuras da música popular brasileira.

• O de lá chama "Fisinguinha"; o de cá vai se chamar "Adonizem Barbosa".

• E o patrocínio será de um fabricante tradicional de caninha.

• O que até que está certo: se o povo não tem scotch, cachaça sim!

GILBERTO DI PIERRO



DIÁRIO DA NOITE

(1953 a 1977)

índice

- 1953.....	310
- 1954.....	311
- 1955.....	312
- 1956.....	316
- 1959.....	318
- 1961.....	320
- 1963.....	321
- 1966.....	322
- 1969.....	324
- 1972.....	327
- 1973.....	329
- 1974.....	332
- 1975.....	337
- 1976.....	340
- 1977.....	344



DIÁRIO DA NOITE

PÁG. 11

Sábado, 7 de novembro de 1953 — Tel.: 34.4181



Adoniran Barbosa —

"Falar comigo? Já falar ontem com ele". Esta linguagem — usando sempre o verbo no infinito — Adoniran introduziu com tal sucesso na Vera Cruz que ninguém mais conjugava verbo algum. Foi o "homem arsenal" de "O cangaço", o "Pepe" de "A Esquina da Ilusão" e logo mais vai aparecer como o "Professor Pantrácio", de "Candinho". É também compositor popular de grande humor. Conhecem "A louca chegou"? É dele. Há 18 anos milita no Rádio em dois polos: a lágrima e o riso. Na Record está há 13 anos. É casado e tem uma filha. Que adora. Sobre o cinema nacional diz que irá muito bem — "sem dúvida!" — desde que reflita as nossas coisas. Destaca, como fato importantíssimo, o aparecimento de "O cangaço" e de seu realizador, Lima Barreto. Vai muito ao cinema, durante o dia. Agora está preocupado com "O sertanejo", film no qual vai viver a figura do célebre fanático Antonio Conselheiro. Desembarrado, alegre, cordial e agora concentrado; está lendo "Os sertões".



DIÁRIO DA NOITE

PAG. 13

5.ª-feira, 29 de julho de 1954 — Tel.: 34-4181

**CINEMA** ★

**CINEMA** F. Tambellini



ADONIRAN BARBOSA

**ADONIRAN POR ELE MESMO**

Adoniran Barbosa fez um auto-flash em rima, do qual transcrevemos alguns versos:

"Fica em casa o dia inteiro  
Tem pavor do tempo frio  
Voi um grande cangaceiro  
No film que todo mundo viu"

"Tinha um cãozinho consigo  
Com muito sex-appeal  
Morreu esse grande amigo  
No dia vinte e um de abril"

"É um tipo meio brejeiro.  
Não acha a vida espeto  
Será o Antonio Conselheiro  
No Sertanejo de Lima Barreto"



A "VERA CRUZ" VAI FAZER "O SERTANEJO"

# UM MILHÃO PARA LIMA BARRETO

A maior importância jamais paga no cinema brasileiro, pelos direitos autorais e direção de um film — Absoluta autonomia artística para o diretor de "O Cangaceiro"

Reportagem de Mattos PACHECO

A "Companhia Cinematográfica Vera Cruz" vai jogar sua última cartada, produzindo, finalmente, "O Sertanejo", de Lima Barreto. Dentro de dois meses espera receber 18 milhões de cruzeiros do Banco do Brasil. Metade desta importância será investida na produção da fita do diretor de "O Cangaceiro". A outra metade já está comprometida, será absorvida por pagamentos inadmissíveis que terão que ser feitos pelos estúdios de São Bernardo.

## PRODUÇÃO IMEDIATA

Este reporter pode anunciar que a "Vera Cruz" está disposta a produzir imediatamente "O Sertanejo". Para custear as primeiras despesas, obteve um adiantamento da distribuidora "Columbia", que se encarregará da distribuição nacional e internacional do film. Tudo dependia, ontem, da assinatura de uma carta-compromisso entre Lima Barreto e a produtora, para que Zampari autorizasse imediatamente o início dos trabalhos de produção do film. A carta provavelmente já foi assinada.

## UMA "BOMBA": LIMA QUER UM MILHÃO

A nota sensacional é que depois de muitas conferências, principalmente entre Lima Barreto e o representante da "Vera Cruz", o advogado-cineasta-teatrólogo Abílio P. de Almeida, ficou assentado que, em princípio, Lima Barreto ganharia oitocentos e vinte mil cruzeiros, pelo seu trabalho de argumentalista e diretor. Lima Barreto exigia ainda, ontem, um milhão de direitos totais e uma participação nos lucros do film. A "Vera Cruz" chegou aos oitocentos e vinte mil, fora uma importância também grande, para Araújo de Oliveira, que será contratada para protagonista do film.

Acreditamos que, quando esta nota estiver sendo divulgada, Lima e "Vera Cruz" já tenham firmado o acordo, nas bases dos oitocentos e vinte mil, pagando ainda a produtora os gastos já feitos pelo Lima Barreto, com levantamentos fotográficos e impressão do "script". Concorde ainda o grupo Zampari em gratificar Lima, depois do film pago, mas extra-contratualmente. Uma carta particular seria trocada entre Lima e a "Vera Cruz", em que a importância do prêmio não será fixada.

Tudo isso significa que Lima Barreto fará "O Sertanejo", ganhando um milhão de cruzeiros, no mínimo, importância jamais paga a um diretor, em nosso país.

## TOM PAYNE SERÁ O PRODUTOR

Nos entendimentos entre Lima Barreto e Zampari ficou estabelecido que Lima Barreto terá toda a autoridade artística, inclusive na formação do "cast" e escolha de técnica. A "Vera Cruz" selecionará, como responsável dire-

tor pela produção, o cineasta Tom Payne.

## VIAGEM A BAHIA

Lima Barreto anuncia para segunda-feira, no Teatro "Brasileiro de Comédia", uma leitura pública com debates, do "script" de "O Sertanejo". Nessa ocasião será anunciada oficialmente a produção do film, pela "Vera Cruz". A primeira providência oficial para a produção do film será uma viagem de Lima Barreto, Tom Payne, Chick Fowle e João Maria dos Santos, em princípio marcada para a próxima semana. Todos vão à Bahia, fazer o levantamento definitivo dos locais de filmagem. Trairão também o orçamento definitivo e detalhado da produção, que não deverá passar de casa dos oito milhões e seiscentos mil cruzeiros. (Mais de dez por cento da importância serão para o pagamento do diretor, incluindo nisso, todos os direitos autorais).

## DETALHES

Este reporter testemunhou uma conferência entre Lima Barreto e Cavaleiro Lima, como porta-voz de Abílio P. de Almeida. Lima Barreto comprometeu-se a iniciar "O Sertanejo" dentro de sessenta dias, após o entendimento final com os produtores. Terá o prazo de cinco meses para realizar a fita, com absoluta autonomia artística, produção feita por Tom Payne e a contabilidade do film entregue a um contabilista especial, de confiança mútua.

Detalhe curioso: Lima Barreto deixa a "Vera Cruz", desdizendo-se do cargo efetivo de diretor, antes de começar a fita. Será imediatamente recontratado, mas somente para fazer "O Sertanejo". Terminado o film, não terá nenhum compromisso permanente, fixo, com os estúdios de São Bernardo. (A indenização está incluída, parece, no total que receberá pelo film).

## EXIGÊNCIAS

A "Vera Cruz" prometeu "carta-branca" absoluta para Lima Barreto, na escolha de "cast" e técnicas. Ele recomendou, como essencial e imprescindível, a contratação de Araújo de Oliveira, Paulo Buschel, Adoniram Barbosa, Asta Valente, Regina Lima e Margarida Cardoso, além do poeta pernambucano Ascêncio Ferreira, que participará como ator. Na parte técnica, Lima exige Chick Fowle, como iluminador e os "cameras" Jack Mills e Sidney Davis. A coreografia será de João Maria dos Santos. O maquiador, Victor Merinow. Li-

ma entrega a edição final à Oswald Hoffenrichter, mas também exige Lucio Braun e Baldooni, como montadores, um na própria "locação", outro no "studio". A música será do próprio Lima Barreto, que recolheu e selecionou 18 temas folclóricos. Orquestração e regência de Gabriel Migliora. O gerente de produção já foi escolhido por L. B., será Edras Baptista. Seus assistentes serão Galileu Garcia e Jurandir Noronha.

## TUDO PARA LIMA BARRETO

O sr. Cavaleiro Lima declarou oficialmente:

"Nada do que a "Vera Cruz" e Lima Barreto estão combinando, constitui segredo. A "Vera Cruz" confia em Lima Barreto, e está disposta a oferecer tudo que ele exige, para que nos dê o film que prometeu. Basta este detalhe: Lima Barreto quer seis ou sete "cameras" para filmar, simultaneamente, uma cena de "estouro" de bolada. Pela a "Vera Cruz" concorda e colocará todos os estúdios, todos os seus equipamentos, aqui ou na Bahia, inteiramente à disposição de Lima Barreto. A única questão fechada é o film não ultrapassar o orçamento, cerca de nove milhões. Queremos também deixar claro, divulgando tudo isso, que "O Sertanejo" não será feito, somente se Lima Barreto não quiser".

## PUBLICIDADE INTERNACIONAL

Soubemos também que a "Vera Cruz" vai organizar uma campanha de publicidade especial, sobre "o novo film de Lima Barreto", de caráter internacional, em quatro línguas: português, francês, inglês e italiano. Lima sugeriu o cartazista italiano Brini para confeccionar um cartaz especial para o film.

## PALAVRAS DE LIMA BARRETO

Araújo de Oliveira, presente, estimulava L. B. a fixar em um milhão, seus honorários. O Lima pedia para aceitar mesmo os 820 mil. Instado pelo reporter declarou:

"Sempre sonhei fazer "O Sertanejo", na Vera Cruz. Vou terminar aceitando. Queris um milhão, para atribuir estes 180 mil que faltam, ao "script". Abílio acha que nos 820, já está incluída uma quantia pelos argumentos. Sei que a "Vera Cruz" entrega seu destino ao meu film. Isso me comove. E por isso mesmo, prometo um "O Sertanejo" sensacional, que justifique a confiança que agora a "Vera Cruz" em mim deposita".

OK

DIÁRIO DA NOITE

PAG. 17

5.º-feira, 7 de julho de 1955 — Tel.: 34-4181



### A CARROCINHA

Já com lançamento programado, "A Carrocinha" está em fase de edição, tudo andando em ritmo normal. O clichê fixa uma cena do filme, nela aparecendo o seu elenco principal: Modeste de Souza, Mazaropi, Dória Monteiro e Adeniran Barbosa.



22/07/1955

PAG. 04

## DISCOS

J. PEREIRA

**N**ÃO há quem, em São Paulo, não tenha ouvido o samba "Saúdosa Maloca", levado ao disco, não faz muito, na Odeon, pelo grupo vocal Demonios da Garça. Constitui o maior sucesso fonográfico do momento e promete alcançar êxito semelhante no Rio de Janeiro, onde já começou a ser cantorolado. O sucesso dessa composição de Adoniran Barbosa é merecido. É número de sabor nitidamente caboclo, no colorido, no ritmo, nos versos. O curioso é que na gravação dos Demonios da Garça a interpretação do samba tira dele muito daquele sabor típico de morro. No entanto, foi a gravação que "pegou", isto é, que alcançou sucesso. A gravação do próprio Adoniran, na Continental, realizada há muito tempo, passou quase que despercebida. É, paradoxalmente, é a que mais fielmente retrata o tema explorado pelo autor, pois ele soube, através do linguajar acentuado do malandro "colored" das malocas dos morros, transmitir precisamente aquela poesia barbara, porém muito humana do samba. O acoplado do disco de Adoniran é o mesmo do disco dos Demonios da Garça, "Samba do Ernesto", também de Adoniran em parceria com Alocin. O mesmo fenômeno da face de "Saúdosa Maloca" se repete. A gravação de Adoniran é mais sincera. O samba é mais samba. Tanto é assim que quando do lançamento do disco foi um

sucesso no próprio Rio de Janeiro. Não havia malandro dos morros cariocas que não cantarolavam ou assoviavam o "Samba do Ernesto". Evidentemente, o que pretendemos dizer não implica em nenhum demérito para o êxito da gravação dos Demonios da Garça. Desse modo, isto sim, assinala que o gosto do público é caprichoso. Uma gravação editada anteriormente, com a mesma música, de sabor e colorido mais autênticos, não despertou a atenção de ninguém. Gravada posteriormente, alcança sucesso inesperado.

Os que apreciam o nosso samba autêntico, puro, sem os artificios modernos, que sem dúvida o embellezam mas lhe tiram a autenticidade, não devem deixar de ouvir o disco de Adoniran, quer pela face de "Saúdosa Maloca", quer pelo lado do "Samba do Ernesto".



ADONIRAN BARBOSA

Criador do samba "Saúdosa Maloca", o sucesso do momento, com os "Demonios da Garça". Sua gravação, lançada anteriormente, passou quase despercebida. Mas tem mais autenticidade.

DIÁRIO DA NOITE

PAG. 15

3.º-feira, 18 de outubro de 1955 — Tel.: 34-4181



**Está com tudo**

Adonir Barboza está com tudo e como quer. No último Carnaval, ninguém quis gravar as suas músicas. Agora, depois do sucesso da "Saudosa Maloca", está fazendo fila na sua porta. A turma faz fila e ele faz escola.



CK

DIÁRIO DA NOITE

PAG. 17

3.º-felra, 20 de março de 1956 — Tel.: 34-4181



**Pronta "A Pensão de Dna. Stella"**

Alfredo Falacios e Frank Fekete concluíram em 20 dias a parte de filmagem desta nova fita nacional, realizada em regime de coprodução entre a Maristela e Cine Brás. No clichê, uma cena do filme, contracenando Adoniran Barbosa e Líana Duval.

## A PRIMEIRA CARTA DE "LIMA BARRETO PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS LTDA."

Com o timbre da sua empresa, Lima Barreto, agora, também, produtor, envia-nos a sua primeira correspondência.

Eis a carta na sua íntegra:

Este papel de carta diz tudo. Vai realizar-se finalmente, o filme com o qual venho sonhando há multissimos anos e cuja preparação já consome três. "O Seriano", antes de ser rodado, tem embranquecido o pouco cabelo que me resta. Sobrar-me-á um fiozinho dele ao final dos estafantes trabalhos de filmagem?

Deixando a Vera Cruz, organizei a minha própria produtora, que realizará — esteja absolutamente seguro disso — apenas filmes de longa ou curta metragem que honrem o Brasil lá fora e nos orgulhem aqui dentro.

Trata-se, como v. já deve saber, de um filme superlativo. A história foi inspirada em "Os Sertões" de Euclides da Cunha. Queira Deus que o filme esteja à altura do grande livro.

Com efeito, a empresa é atrevida e grandiosa. O filme custará 15.000 contos. Terá um elenco de 3.000 figuras. Apresentará um estouro de botada que comportará 1.000 rédeas. Nêle utilizarêl ainda 800 jumentos, 300 cabras e bodes castinheiros, 100 cavalos, 600 cães e 50 toneladas de material de todo o genero.

A locação será em Caldas de Cipó, no interior da Bahia, região de Canudos, no mesmo sertão em que Antonio Conselheiro viveu, pregou e morreu heroicamente.

A equipe técnica, sob a chefia de Chick Fowle, e os laboratorios, Rex Film, serão os mesmos que usel n"O Cangaceiro". Podem garantir-se, pois, desde logo, a beleza da fotografia e a excelencia do som. A musica, decalcada em temas folclóricos do Nordeste, será novamente organizada, orquestrada e regida por Gabriel Migliori, que abiscolitou comigo um premio em Cannes.

Ninguém ignora que não sei viver senão ao lado da Imprensa — divindade a quem devo a popularidade do meu nome e as glórias d"O Cangaceiro". Necessito, como tudo e todos, da Imprensa e a ela rendo prazerosamente as minhas homenagens. E a v. nada mais que o abraço agradecido e amigo de

LIMA BARRETO

PS — Voltarei a escrevet-lhe, enviando noticia-rio e fotografias, Atô breve.  
São Paulo, julho, 1956.

### EM AÇÃO O JURI MUNICIPAL DE CINEMA

Em comunicação do sr. Benedito J. Duarte, chefe do Serviço Municipal de Cinema, a Prefeitura comunica que se vai reunir, no proximo dia 23, às 20,30 horas em ponto (o grifo não é nosso) o Juri Municipal de Cinema, para apreciar, em face da lei n. 4854-55, as fitas "O Sobrado" e "Quem Matou Anabela".

Entra assim em pleno funcionamento essa legitima conquista do cinema nacional, que é a Lei n. 4.854, de premiação a fitas brasileiras — passo pioneiro e digno de todos os elogios do Município de São Paulo no campo da legislação de nosso país.

Integram o Juri Municipal de cinema, sob a presidência do sr. Atílio Castellar de França, representante da Secretaria de Educação e Cultura; José de Freitas Nobre, representante da Camara Municipal de São Paulo, Mauro de Alencar (representante da Associação Paulista de Cinema); Rui Coelho e Rubem Bisfora, representantes de entidades culturais; Naé Gertel, Fernando de Barros e o cronista dos "Diários Associados", representantes da Associação de críticos Cinematográficos.

### EXTENSÃO DA LEI MUNICIPAL

O sr. Nelson Omega, deputado federal paulista, considera inteiramente exequível uma decisão da Comissão Nacional Executiva do P. T. B. no sentido de que as suas bancadas municipais do Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Salvador e Recife, bem como de outros municípios importantes do país, apresentem às respectivas Camaras projeto nos moldes da Lei Municipal n. 4.854.

Seria uma iniciativa, como é obvio, de excepcional significação para o cinema brasileiro.

### "O CAPANGA" EM CENA

Informa-nos José Antonio Orsini que a sua nova produção, "O Capanga", está em vespersa de ser iniciada. Os contratos de atores e de técnicos já foram feitos.

O filme será rodado em Mato Grosso.



# Julgamento subjetivo determinou a proibição de "Aqui Gerarda"

Apesar da zanga dos censores é ela consagrada pelo povo — Declarações do editor da conhecida marchinha

OS editores, artistas e compositores populares estão informados com a resolução tomada pelo diretor da Divisão de Radiodifusão, proibindo a marchinha de Adoniram Barbosa e Ivan Moreno — "Aqui, Gerarda".

### JULGAMENTO SUBJETIVO

A propósito daquela decisão da censura, ouvimos o sr. Alcides Ortiz, diretor da CEMBRA Ltda., editora de "Aqui, Gerarda" e membro da diretoria da coligação SBACEM-SADEM-BRA-SBAT — órgão responsável pela defesa dos direitos dos compositores populares.

"Não pode haver maior absurdo — declarou-nos — do que a interdição daquela marchinha. O assunto objeto da marchinha foi consagrado em sucessivos programas de uma das mais conhecidas estações de rádio da Capital. Seus personagens também são os mesmos. Como se tolera, há mais de um ano aquele programa e agora se proíbe uma simples letra de música? O argumento, segundo ouvi do censor, relaciona-se com gesto obscuro, que ele diz "andar solto por aí". É claro, portanto, que o julga-

mento foi hipotético, subjetivo, nada preto no branco", como se pode verificar lendo-se os versinhos".

### MODIFICARAM A LETRA

O sr. Alcides Ortiz, esclarece-nos, a seguir, que a música não está proibida, mas sim a letra. O mesmo dá-se com os discos



"A música não está proibida, mas sim a letra" — declara o sr. Alcides Ortiz

que não podem ser irradiados, mas sim expostos à venda e não há impedimento em que sejam ouvidos nos bares, cafés e nas residências. A própria letra, com as modificações que está sofrendo, em breve será permitida. Estou informado que o Adoniram e o Moles estão encarregados de tais correções. Logo, teremos, portanto, a letra, também, desembaraçada. Na verdade, trata-se de absoluto sucesso, que "vai abafar", pois o seu refrão está na boca de todo o povo, como vimos na campanha eleitoral, em que pese a zanga dos censores, com os quais não quero complicações", concluiu.

ADONIRAN BARBOSA, TOMA UM GOLE DE "CHORA NA RAMPA" E DESABAFA:

# "Gerarda" só poderá ser cantada se fôr "operada"

Sem que ninguém saiba como surgiu, o certo é que a expressão "aquí Gerarda" tomou conta da cidade e já atravessa as fronteiras do Estado e serve para ser aplicada aos mais variados acontecimentos cotidianos.

Aproveitando o espírito humorístico que de repente se apodou do paulistano, Adoniran Barbosa, o popular "Charuto" das Histórias das Malocas, idealizou a marcha "Gerarda". Tudo pronto foi lançada pelo rádio, entrou pelos lares paulistanos, atravessou novamente as fronteiras do Estado e, como a expressão já era popular, a música depressa tomou conta da boca do povo. Em todas as esquinas, reuniões, em todas as camadas sociais há sempre o "engradado" cantando o "Aquí Gerarda".

Adoniran Barbosa, que acha que sua música, sua marcha nada tem de bom, vencerá nesse setor e por isso tratou de lançá-la em disco. Mas, na véspera do lançamento do disco da já famosa marcha, eis que o professor Aldrovandi Scrosoppi, chefe da Divisão de Radiodifusão da Secretaria de Segurança Pública, assinou portaria proibindo o lançamento da marcha por julgar a tendenciosa, maliciosa e que atentava contra o pudor público. Pelas emissoras de rádio e televisão, estava proibida a sua veiculação, reservando o direito, aos cantores em geral, de apresentá-la em recintos fechados, onde a sua difusão não se torna, no entender daquela autoridade, tão "perigosa".

## OPERAÇÃO NA "GERARDA"

Em vão tem tentado o "Charutininho" a liberação da sua "Aquí Gerarda". Já esteve fazendo os mais diferentes contactos, sem, contudo, lograr o êxito desejado.

Ontem, à noite, fomos localizar o nosso "Charutininho" deitando as mãos na porta de um barzinho ao lado da emissora onde trabalha. A sua "tabua de lágrimas" era o Oswaldo Moles.

Abordado pelo reporter, desabafou:

— "Ah, "seo" reporter, o "sinhô" não "carcula" o que o professor Scrosoppi quer fazer com minha "Gerarda". "agine" que me propôs fazer uma operação na "Gerarda", dessas intervenções cirúrgicas que permitisse a ela "vortar" ao gôto popular. Falei com êle, expus as minhas idéias, traduzi linha por linha da letra. Mas qual o quê. O negócio é fazer mesmo a intervenção cirúrgica."

— "Primeiro — continua nosso Adoniran Barbosa — achou que podíamos mudar o "aquí" para "Oh!" "Gerarda". Mas de-

pois êle pensou muito e disse que seria pior a emenda que o soneto, "Oia", eu também acho... Êle quis saber por que aquela expressão — "chora negão na rampa", que está no segundo verso. Êle disse que era uma coisa feia... "Num é, não, professor — disse eu para êle: "chora na rampa" é marca de pinga lá do morro do Piolho. Mas êle não acreditou.

De outra feita, disse que era

com intenção maliciosa que eu usara "gata" em vez de "gato", naquela frase — "de noite tôdas as gatas são pardas". "Num" adiantou meu argumento "pro" professor de que eu não gosto de gato. Tenho raiva de gato e por isso pus a gata na dança...

Al, quando êle entrou na história da "sarsicha" foi um Deus nos acuda. Conclusão: "Aquí, Gerarda" só em "boite", circo cinema, enfim, em qualquer espetáculo de recinto fechado, menos no rádio ou na televisão. Mas escuta, "seo" reporter, num fica mesmo difícil uma operação na "Gerarda", se o "seo" professor Scrosoppi em tudo acha que eu estou maliciando?"

## "GERARDA" E CHESSMAN

É, finaliza nosso Adoniran Barbosa:

— "E' como diz o "deitado" popular: o dia que chover sopa, todo mundo está de colher e eu

de garfo. Eu acho, "seo" reporter, que quando eu nasci Deus me pôs na testa um bilhete: "E' proibido ser feliz." Ah! "seo" professor, pense bastante nisso e vamos liberar a "Gerarda" e o Chessman, porque o povo gosta dos dois. Tá?"



Depois das dezolfa horas é proibido vender "Chora na Rampa" e por isso "Charutininho" o substitui mesmo pelo nosso café. No flagrante vemos ainda Oswaldo Moles



## 40 anos dos "Demônios da Garoa"



Os "Demônios da Garoa" ficam até domingo no Centro Cultural

Em comemoração aos 40 anos de atividades musicais, o conjunto vocal mais antigo da América Latina, "Os Demônios da Garoa", estará apresentando-se a partir de hoje, até 24 de julho, às 21 horas, na Sala Adoniram Barbosa do Centro Cultural São Paulo (rua Vergueiro, 1.000).

Antônio Gomes, Arnaldo Rosa, Roberto Barbosa, Claudio Rosa e Ventura Ramires apresentarão em uma hora e meia, 8 músicas de Adoniram Barbosa, como "Samba do Ernesto", "Saudosa Maloca", "Trem das Onze", "Praça Clóvis", de Paulo Vanzolini, "Brasileirinho" e "Pedacinho do Céu", de Waldir Azevedo; "A Marcha do Índio", de José Saccomani e uma composição de Ventura Ramires e Roberto Barbosa, "Toda a Lágrima".

### EM DEFESA DO SAMBA PAULISTA

Da década de 40 para cá, época em que surgiu, os "Demônios da Garoa" mantiveram fidelidade à música popular brasileira, ao jeito boêmio e ao samba paulista e, principalmente, à figura do

grande compositor Adoniram Barbosa, já que a explosão definitiva do grupo deu-se com a gravação do samba "Saudosa Maloca" em 1954, cuja linguagem gramaticalmente errada, utilizada nas músicas, identificava-se com a dos bairros populares; o estilo jocoso, o palavreado gaíato, características latentes do trabalho do grupo, causaram sua popularidade.

Numa época (50/60), em que todos consideravam ser o Rio de Janeiro o próprio reduto do samba no Brasil, os Demônios da Garoa conseguiram provar que São Paulo tinha o que mostrar em matéria de música popular. No Clube Bola Preta, berço do Carnaval carioca, obtiveram o primeiro lugar, com a música Trem das Onze.

No show do Centro Cultural o grupo apresentará uma sinopse dos 40 anos de música, com por cento brasileira, que continua impecável, sem vacilações, numa fidelidade incrível ao estilo inconfundível dos "Demônios da Garoa".

# FOLHA DA TARDE

São Paulo, terça-feira, 1.º-11-1983 — PÁG. 17

## PANORAMA

T. Monteiro



**NOME PITORESCO** — Julho passado, Belém do Pará, por ocasião da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Ao dar uma volta de "Galola" pelo rio Amazonas nas cercanias da Capital, o barco fez uma parada para tomarmos acaí num local lindíssimo, pitoresco, onde havia um bar chamado "Saldosa Maloca", como se vê na placa.



# Na estaçãozinha do Jaçanã, cada tábuá que caía, doía no coração

Telha por telha, tijolo por tijolo, calbro por calbro, a estaçãozinha de Jaçanã, da Estrada de Ferro Sorocabana, ramal da Cantareira, começou a cair ontem. E o progresso, dizem. E lá no bar "Flor do Jaçanã", um alto-falante gritava bem alto: "Adeus, Cantareira, Adeus, Nunca mais ouvirei apito seu. Acabaram com a sua tradição os engenheiros que fizeram o progresso da Nação". Os "Demonstros da Garoa" é que cantavam através de disco. Cantavam essa e aquela do "more em Jaçanã, se eu perder esse trem que sai agora, às onze horas, só amanhã de manhã..."

Na demolição, tinha 3 caminhões (um tipo jumenta) e 12 homens da Prefeitura. Ficaram todos esperando a discursadeira terminar (porque antes de mais nada teve consócio lá em Jaçanã. Consócio como não se via há muito tempo. O vereador Molina Junior subiu em um dos caminhões da Prefeitura e falou de Janio, Carvalho Pinto e Faria Lima para no fim justificar que a estaçãozinha de Jaçanã tinha que ser derubada por causa do progresso).

Muita gente no local. Mul-

cair, surgindo em seu lugar uma grande praça. A maior praça da Zona Norte, o que não deixa de ser uma compensação. E assim, Jaçanã que nasceu Guapira e que ficou como era em 1930, não é mais.

## NOVAS PRAÇAS EM VELHAS ESTAÇÕES

A demolição da estação de Jaçanã, representou o início de amplo programa viário visando o des congestionamento da Zona Norte.

Na mesma ocasião, no outro lado da linha, era também demolida a estação de Tremem-

cafeiro e estava no início a grande imigração. Os antigos chafarizes não mais bastavam.

A Capital expandia-se. Criava um sistema de transporte por meio de bondes puxados por mules. Inaugurara a iluminação a gás. E exigia água corrente.

Essa a origem do "tramway" da Cantareira, para permitir a construção da adutora do mesmo nome. Acabou transportando passageiros. E deu origem a núcleos prósperos, como Chora Menino, Mandaqui, Água Fria, Invernada, Tre-



A demolição da pequena estação de Jaçanã começou ontem às 9 horas. Teve alegria, mas também teve gente chorando. A demolição dá um pouco de saudade.

tas crianças (todas do Grupo Escolar Júlio Pestana, das imediações). Entre as figuras importantes o sr. Omidas Nascimento, que foi o penúltimo chefe de Estação do Jaçanã. O último, Ari Pinto, não foi ver a festa que fizeram quando a pequena casa começou a ser demolida.

Se houve bombas e peñmas, houve também muita gente que não escondeu as lágrimas de ver que aquela estaçãozinha, tão tradicional, vinha abaixo. Lembrava até aquela música do mesmo grande Adonirani Barbosa: "cada tábuá que caía, doía no coração." Mas, para que ligar para esses detalhes poéticos? O ordem está aí. O prefeito deu um prazo de 14 dias para que fossem procedidos os estudos para aproveitamento do leito da Cantareira, com vistas à construção da Radial Norte. A estação construída lá pelos idos de 1912, por aí, que nem os mais antigos moradores se lembram bem, precisa mesmo

be, mais antiga. Evocava o tempo em que as ferrovias representavam o máximo de progresso. E aquela linha sido construída, afinal, para transporte dos materiais destinados ao reservatório da Cantareira.

São Paulo começara a progredir. Acontecera o "rush"

membé, e por fim Parque da Cantareira.

Tremembé foi um dos núcleos que mais depressa se expandiu, observando normas de bairro residencial.

Depois, em 1912, foi preciso ir buscar mais água e surgiu a adutora do Cabuçú. Para os lados de Guarulhos. O trans-

(CONTINUA NO VERSO)

21/06/66

porte de materiais exigiu um ramal do "tramway" da Cantareira, que se tornou mais extenso do que a estrada original. Acabou prolongado até Guarulhos. E proporcionou a eclosão de núcleos populacionais, como Tucuruvi, Jaçanã, antes Guapira, Vila Galvão.

O "tramway" tornou-se um sistema superado. Por várias vezes fora preconizada a eletrificação, melhoramento que falhou.

#### TRANSFORMAÇÃO TOTAL

O "tramway" tornou-se arcaico e oneroso de dinheiro. Seu déficit crescia sem resolver o problema do transporte. Acabou sendo suprimido. O Estado passou a propriedade do leito para a Prefeitura, que resolveu transformar em praças as antigas estações.

Grande melhoramento avançou, agora, a partir da avenida do Estado. Foi feita permuta de terrenos com a Força Pública, para alargamento da

avenida Cruzeiro do Sul. Terminaram as desapropriações do lado direito. Terá quarenta metros.

Os antigos quartéis da Força Pública recuarão do lado direito. Já foi aberta concorrência para a construção dos novos muros. E também para pavimentação da avenida, antes da grande ponte sobre o Tietê.

E depois da ponte já foi aprovado o alargamento, nivelamento e pavimentação até à avenida Ataliba Leonel.

Uma larga arteria vai surgir, desde a avenida do Estado, em direção à Zona Norte.

E como complemento, está resolvida a conclusão da avenida do Contorno, que rodará o Campo de Marte e constitui mais uma via de articulação da Zona Norte e subsidiária da radial Norte. Conforme notificamos, para conclusão da ponte da Cruzteiro do Sul, o prefeito determinou urgência na desapropriação dos terrenos necessários à construção dos trevos de acesso.



# NESTE CARNAVAL, ESTOU FICANDO LOUCO

O eletricitista Luís Lucas Ribeiro passou as mãos nos seus cabelos embranquecidos pelos 52 anos de vida cheia de trabalhos e sorriu com o abraço afetoso de Adonirã Barbosa. No auditorio da Televisão Tupi, uma parte do publico canta o "Estou ficando louco" a outra parte, que veio da Vila Esperança em cinco ônibus da CMTC, vaiava muito. O eletricitista está contente com os 20 mil cruzeiros novos que ganhou ontem à noite. Mais contente ainda porque sua musica foi guardada durante tripla anos. E' o fim do I Festival de Musica de Carnaval da Televisão Tupi. "Estou ficando louco", a primeira colocada.

Luís Lucas Ribeiro que ganha 90 centavos por hora, não sabe ainda o que vai fazer com os 20 mil cruzeiros novos que ganhou. Só a classificação de sua musica já foi suficiente para deixá-lo satisfeito. Foi uma resposta para os selecionadores de musicas de um outro Festival que não deixaram a sua concorrer. O seu samba de trinta anos atrás que agradou todo mundo.

Até o Adonirã Barbosa, que ficou em segundo lugar com sua marcha "Vila Espe-

rança", cantou o samba do eletricitista. Adonirã entrou no palco nos ombros de sua torcida. Algumas pessoas tentaram impedir que isso acontecesse, porque achavam que a presença de Adonirã no palco iria influenciar o juri. Um assistente de estudio, José Sebastião, enfrentou todo mundo e deixou Adonirã entrar no palco.

As três torcidas que lotaram o auditorio, cantaram a marcha Vila Esperança. Um dos concorrentes comentou nos bastidores: só o Adonirã consegue a unanimidade do publico paulista. E eram três grandes torcidas, essas que traziam cartazes para "Atrás do Trio Elétrico", "Vila Esperança" e "Transplante de Corintiano".

Todos estavam alegres. E acabaram cantando também a "Avenida Iluminada" de Zé Ketti. Ele entrou no palco todo vestido de dourado e sua marcha rancho foi considerada uma das melhores melodias do Festival. Algumas pessoas achavam que ela deveria vencer.

Flávio Cavalcanti está anunciando a primeira colocada. Adonirã abraça "Os Demônios da Garoa". Eles se consideram

os mais felizes desse Festival. Conseguiram classificar o "Vila Esperança" em segundo lugar e o "Vim te ver", do Toquinho e do Roberto Silvestre em quarto lugar. Eles estão muito alegres.

Mais alegres do que Gal Costa, que cantou a quinta classificada, "Atrás do Trio Elétrico", e estava com um pantalon de veludo preto, cinto de verniz, botinha, blusa amarela de pano de tapeçaria, colete de veludo com bordados ciganos e muitos colares. O colar indiano que ela sempre carrega porque acredita ter muita sorte com ele, ficou pendendo entre seus dedos.

O publico dança no auditorio que está cheio de confetes e serpentinas. O grupo chefiado por Telé, uma loirinha que está em todos os festivais, era o mais animado. Telé não concordou com algumas classificações. Por exemplo achou que "Avenida Iluminada" tinha que ser colocada em primeiro lugar. Mas, ela está muito contente e não vai atrair ovos podres no juri, como já fez em outros festivais. "Afim, tudo é Carnaval", diz ela sambando.

Todo mundo esperava que Dircinha Batista fosse classificada. A musica que

ela cantou, "Enxuga o pranto", de Jair Amorim, Ewaldo Gouveia é muito bonita. Dircinha estava com um vestido longo rosa schoking, com um grande decote enfeitado de plumas de avestruz. Ela foi uma das mais animadas durante o Carnaval feito nos bastidores, entre a primeira e a segunda parte do programa.

Uma das pessoas que mais atraíram atenção foi Maria Helena, a loira secretária de Flávio Cavalcanti. Ela apareceu com duas peças feito com moedas, completamente transparente. O fato de sempre aparecer com o umbigo de fora fez com que seu apelido fosse "Maria Helena Pô Pô Pô".

Foi um festival muito alegre. A desclassificação de Manezinho Araujo entristeceu sua mulher que não se conformou com o resultado. O mais triste de todos era Manoel Ferreira, um dos compositores de "Transplante de Corintiano", que Silvio Santos não conseguiu classificar. Manoel debruçou-se sobre o teclado de um piano e chorou muito, enquanto o publico cantava o "Estou ficando louco".

CONTINUA NO VERSO



# O resultado, do 1.º ao 5.º

## 1º ESTOU FICANDO LOUCO

Samba — de Luiz Lucas Ribeiro

Estou ficando louco  
Vou dizer qual a razão  
Por causa da uma onda de amor | bis  
Que invadiu meu coração

Quantas vezes eu sonhei  
Com aquela mulher  
Que tanto amei  
e hoje não me queço  
Ela foi mas não esqueço  
do seu rosto, nem um pouco  
Ela porque eu padeço  
E estou ficando louco...

Estou ficando louco etc.  
com Wilson Miranda

## 2º VILA ESPERANÇA

MARCHA-RANCHO — de Adoniran Barbosa

Vila Esperança  
Foi lá que eu conheci  
O meu primeiro Carnaval  
Vila Esperança  
Foi lá que eu conheci  
Maria Rosa, meu primeiro amor  
Como fui feliz naquele fevereiro  
Por tudo para mim era primeiro  
Primeiro a rosa, primeiro a esperança  
Primeiro carnaval, primeiro amor criança  
Numa volta do salão ela me olhou  
Eu envolvi seu corpo em serpentina  
E tive a alegria que tem todo pierrot  
Ao ver que descobriu sua colombina  
O Carnaval passou, levou a minha rosa  
Levou minha esperança, levou o amor criança  
Levou minha Maria, levou minha alegria  
Levou a fantasia, só deixou uma lembrança...

com OS DEMONIOS DA GAROA

## 3º AVENIDA ILUMINADA

De Newton Teixeira e Brasinha — Marcha-rancho

Eu vinha pela madrugada  
Pela avenida toda iluminada  
Amanhã os ranchos vão passar  
E o meu amor vai desfilar  
Já veio o meu amor sorrindo  
Ganhando aplausos da multidão  
Sem saber que estão rolando  
As lágrimas do meu coração

Lá-rá-rá-rá-rá  
Lá-rá-rá-rá-rá, bis  
Lá-rá-rá  
Lá-rá-rá-rá-rá

Com ZE KETTI

## 4º VIM TE VER

Marcha — De: Antonio Pucci Filho (Toquinho) e Heberto Silvestre

Sei que vim te ver  
Sei que vim te ver  
hoje ninguém sabe  
se amanhã vou te querer  
Sei que vim te ver  
sei que vim te ver  
amor que hoje nasce  
amanhã pode morrer

Olho nova flor, velha panela  
espero o teu sorriso o meu cantar  
trago tanto amor prá dar prá ela  
No sonho só dou sorte  
na vida eu dou azar  
Olho nova flor, velha panela  
teu segredo e medo fazem mal  
Trago tanto amor prá dar prá ela  
pois hoje é carnaval

Sei que vim te ver etc...  
com OS DEMONIOS DA GAROA



## 5º ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO

MARCHA-FREVO — de Caetano Veloso

Atrás do Trio Elétrico  
Só não vai quem já morreu  
quem já botou prá rachar  
aprendeu  
Que é d'outro lado  
do lado de lá  
do lado  
que é lado  
lado de lá

O sol é seu  
o som é meu  
quero morrer  
quero morrer já  
O som é seu  
O sol é meu  
quero viver  
quero viver lá

Nem quero saber  
Se o dinho nasceu  
foi na Bahia  
foi na Bahia  
O Trio Elétrico  
O sol rompeu  
ao meio dia  
Ao meio dia.

com GAL COSTA



Cidadão aí da foto é uma das figuras mais importantes para a história da música popular brasileira em geral e do samba paulista em particular. Adoniran Barbosa está aposentado, mas isso não significa que ele tenha parado de se apresentar em "shows" e — principalmente — de fazer seus sambas ("Acende o candieiro" está aí nas paradas, provando isso) com aquela verve e aquela personalidade que são só dele. Hoje tem Adoniran Barbosa na TV-Cultura, uma vez que o "Música Popular Brasileira Especial", um programa que leva a sério a cultura popular musical deste País, vai focalizar a vida e a obra da base do samba que se faz em São Paulo.



RADIO. TV

DISCOS

# tudo sob controle



MIGUEL VACCARO NETTO



ADONIRAM BARBOSA, recebe, hoje, durante o espetáculo "Samba é Lei", Teatro 13 de Maio, homenagem das mais justas...

## HOMENAGEM

Das mais justas será prestada esta noite, a um veterano homem de rádio e televisão. Humorista de inegável valor e inesquecíveis interpretações, ADONIRAM BARBOSA transportou todo o seu humor para a música, tornando-se um dos maiores sambistas do Brasil, e talvez o maior de São Paulo... Quem não se lembra de "Saudo-

sa Maloca", "Trem das Onze", "Samba do Arnês",...? O acontecimento faz parte da série "O Samba é Lei", de todas as segundas-feiras no Teatro 13 de Maio, e a ele estará presente hoje, todo o elenco de "Mulheres de Areia", além de sambistas famosos, todos participando desta homenagem a ADONIRAM. Meus aplausos ao Pelão, pela iniciativa, como já disse, das mais justas.





Hoje tem samba "agala" no Teatro Treze de Maio. Depois do tremendo ouriço acontecido semana passada, quando a homenagem ao Adeniran Barbosa — de cravo na lapela, chapéu e cachecol na mão, dando seu santo recado (evidentemente cantava o "Saudosa Maloca") no retratinho esse — e à Escola de Samba do Val-Val, lotou o teatro, tem repeteco logo mais. A coisa, felizmente, já se está tornando obrigatória às segundas e quem gosta de samba sabe que vai encontrar ao de por lá gente que sabe das coisas sambadas, de lá da Guanabara ou daqui mesmo de São Paulo. Tamos lá, logo mais.

## mudando de conversa

Arley Pereira

Adoniran Barbosa, o "Charutinho" mais importante da música popular brasileira e mais ainda da paulista. Hoje tem homenagem ao autor do "Trem das Onze" e vindo de quem vem, homenagem das mais importantes. No encerramento do Festival Interno do Colégio Objetivo, os meninos chamam Adoniran ao Círculo



Militar (vai ser lá), hoje à noite e vão dizer "muito obrigado"